

Módulo I

- Fundamentos da Educação I

HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA E SUAS LITERATURAS

Letras





Fundamentos da Educação I

EQUIPE RESPONSÁVEL

Centro de Educação à Distância e Novas Tecnologias CEADT/UNIR

Profª. MSc. Sônia Ribeiro de Souza

Coordenação CEADT

Profª. MSc. Crystiany Maria Guilherme

Coordenação UAB

Profª. MSc. Sônia Ribeiro de Souza

Assessoria Pedagógica CEADT

AUTORA

Maria Berenice Alho da Costa Tourinho

REVISORES

Profª. Drª. Nair Ferreira Gurgel do Amaral

Mônica Regina Peres

EQUIPE TÉCNICA

Mirocem Beltrão Macieira

Samuel Lamarão

APOIO

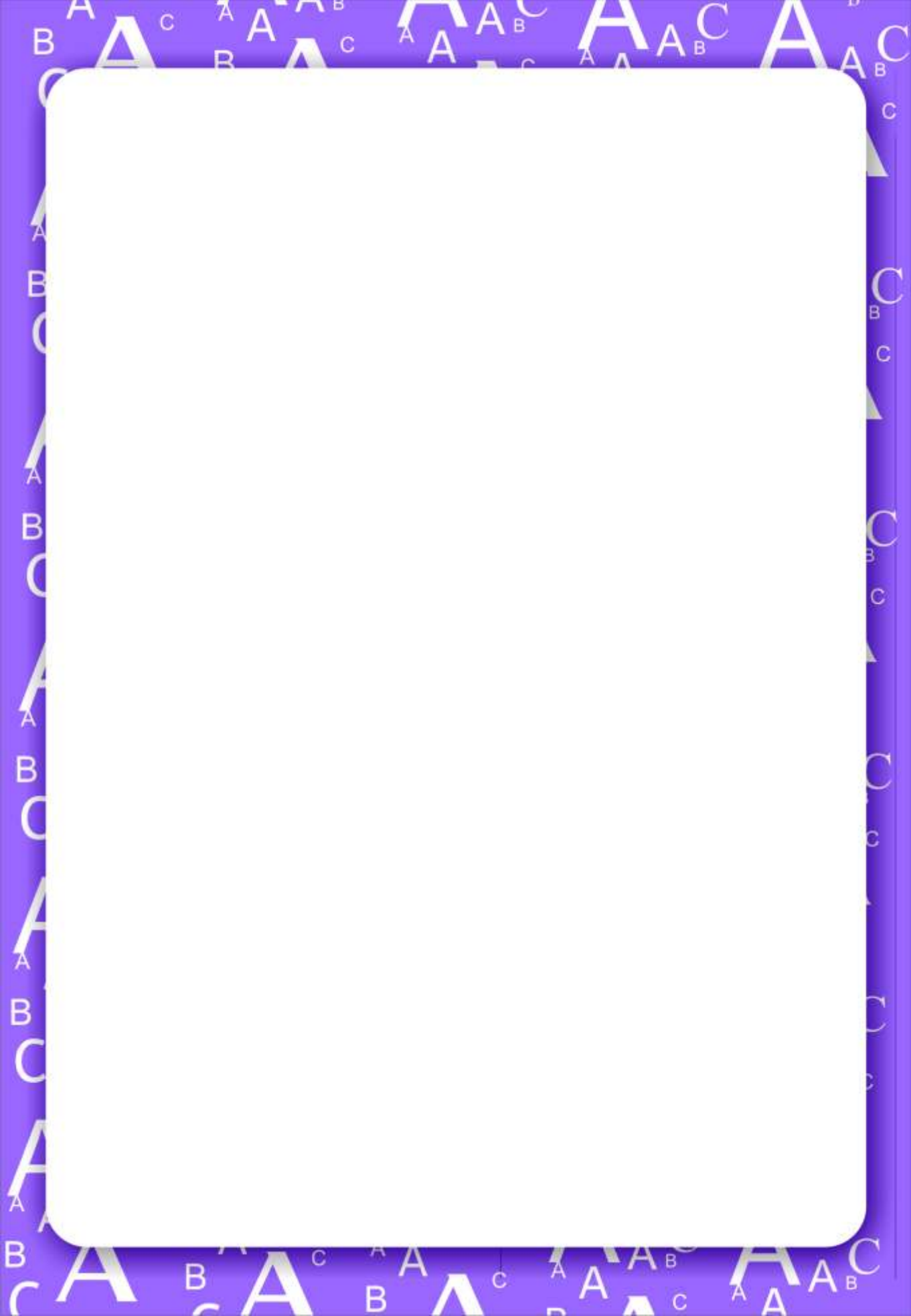
MEC/UAB

FNDE

CATALOGAÇÃO

Biblioteca Central / UNIR

Bibliotecária: Mônica Regina Peres CRB11ª - 542





“Se você pensa que Educação é coisa cara, tente a ignorância.”

Paul Keier-Jones, filósofo

Quando temos a expectativa de encontrar pela primeira vez uma pessoa ou pessoas novas sempre “bate” uma curiosidade de como elas são. Esta curiosidade às vezes nos deixa inquietos, ansiosos... será que vamos nos entender? Será que vou ficar entediado? O que elas fazem, do que gostam? Não foi diferente para mim na hora que fui chamada para escrever o conteúdo de sociologia deste módulo de Fundamentos da Educação; perguntava-me quem são estas pessoas para as quais vou escrever? Quais suas expectativas? Teriam elas gosto por estudar a sociedade em que vivem ou estariam naquela de “não discuto religião, política ou futebol?”

Acredito que da mesma forma você tenha ficado curioso a meu respeito ou a respeito da sociologia ou de ambos. Você sabia que a expectativa que socialmente temos do comportamento do outro faz parte de um conceito importante em sociologia, o conceito de relação social? Logo, como você vê, o olhar sociológico não está fora do nosso cotidiano, muito pelo contrário estamos mergulhados em tudo aquilo que interessa à sociologia. Assim ao iniciar nosso trabalho é importante trocarmos algumas idéias a respeito do trabalho que desenvolvo na UNIR, da formação que tenho para compartilhar com você e do que espero deste trabalho.

Vamos começar de trás pra frente. Espero que a sociologia contribua favorecendo um novo olhar sobre a sociedade na qual você vive e atua e, como uma ferramenta, o(a) ajude a analisar as manifestações sociais que envolvem o seu trabalho como educador.

Gostaria que você estudasse sociologia com prazer, é fascinante o comportamento social dos grupos humanos, é curioso como manifestam sua vida em sociedade de tão diversas e distintas maneiras, e o mais interessante é como nos sentimos ricos à medida que estudamos, conhecemos e abrimos os olhos para esta diversidade social que nos envolve e se manifesta distintamente no tempo e no espaço.

Sou graduada em Serviço Social, e meu interesse de estudo na época despertou-me para as Políticas Públicas, principalmente para aquelas voltadas às crianças e adolescentes. Este interesse me levou a fazer uma mestrado nesta área, aprofundando estudos a respeito das primeiras formas de políticas públicas, na sociedade brasileira, para este grupo de pessoas. Bem, depois começou a inquietar-me uma história de que políticas públicas para a infância e adolescência não resolveriam muito se não houvesse uma concentração forte na educação dos próprios educadores que vão trabalhar com este segmento da população; daí me “enfiei” em um curso de especialização em Avaliação do Ensino Superior, preocupada em contribuir para a melhor formação dos alunos nos nossos cursos na UNIR. Logo veio uma ordem do MEC que só isso não era suficiente e que deveríamos tornar-nos doutores, assim me dediquei ao doutorado em Psicologia Social e do Trabalho, tendo como alvo de estudo a própria UNIR e sua forma de gestão do ensino superior.

Hoje desenvolvo meu trabalho como docente ministrando a disciplina Sociologia em suas distintas apresentações, como também a disciplina Políticas Públicas por meio das quais desenvolvo pesquisas junto com meus alunos e a comunidade que nos envolve.

Tenho imenso prazer em participar desta experiência de Educação a Distância e acredito que você, meu aluno(a), é um(a) parceiro(a) que enriquece meu trabalho e com o qual espero aprender e partilhar aquilo que até hoje aprendi, colaborando com sua formação.

Apresentação

Prezado(a) aluno(a),

Um dos maiores desafios para os trabalhadores da educação hoje é enfrentar o embate entre as transformações tecnológicas e materiais que ocorrem na sociedade atual, manter-se atualizado profissionalmente, desenvolver uma distância crítica para avaliar as questões que realmente são relevantes e o imperativo imposto pela chamada sociedade do conhecimento.

Hoje praticamente todos os trabalhadores e particularmente o profissional da educação se encontram no epicentro de grandes transformações materiais e sócio-culturais que exigem atenção redobrada para a formação e aquisição do conhecimento. Os educadores foram alçados novamente ao posto de principais agentes das mudanças que hoje a sociedade exige. Você já parou para pensar sobre o papel que você deve desempenhar nesta nova sociedade?

Hoje todos os assuntos referentes à educação, à formação, ao conhecimento parecem urgente, absolutamente imprescindíveis, inadiáveis e acima de tudo efêmero, refletindo as demandas desta sociedade do conhecimento onde o savoir-faire envolve a capacidade que o educador deve desenvolver para criar o novo saber (que necessita ser constantemente renovado) no espaço onde deve interagir o seu arsenal de conhecimento, suas experiências, e suas práticas.

A expectativa é a de que os primeiros anos de educação devem lançar as bases para a formação de mentes criativas, críticas das situações sociais vividas e ao mesmo tempo capazes de dar respostas quase instantâneas aos problemas de aprendizagem enfrentados. Já imaginou a importância de sua atuação como educador(a) neste processo? Já imaginou dispor da sociologia como uma ferramenta que o ajude na sua atuação como educador?

Neste módulo, a sociologia visa contribuir com seu aprendizado, propondo o estudo das principais teorias sociológicas, no sentido de uma compreensão dos macro-processos históricos. Estudaremos juntos conceitos básicos da sociologia, tais como: sociedade, relações sociais e ação social; representações sociais; ideologia e conflito; estratificação, classe, grupo; interação social, papel social;

reprodução e desigualdade social; mudança social.

Como vamos trabalhar?

Quando nos dedicamos ao estudo, um dos elementos importantes para o bom aproveitamento é desenvolver a nossa capacidade de reflexão. Refletir é dobrar e desdobrar uma realidade: vê-la por dentro e por fora. Ver as coisas apenas sob um ângulo significa imobilismo e imaturidade e nosso objetivo com a sociologia é favorecer o desenvolvimento de sua capacidade crítica por meio da reflexão. Portanto, é tarefa importante que você não só leia o material oferecido, mas faça um constante esforço de reflexão sobre o mesmo e busque mais informações para além do que lhe foi oferecido.

Você pode estar se perguntando por que estudar sociologia se minha formação é para atender as primeiras séries do ensino fundamental! Podemos ilustrar a resposta por meio de uma sequência de idéias estreitamente relacionadas: a educação formal está inserida na sociedade para propiciar uma melhor qualidade de vida à população; a sociedade por sua vez demanda uma adequada formação, entre outras coisas, para atender ao mercado do de trabalho; logo, mercado de trabalho envolve a vida familiar do aluno, o próprio aluno e o professor, só num primeiro olhar.

Quantas vezes você recebeu um aluno em sala de aula com fome? Quantas vezes você ouviu em reunião que o aluno vai à escola só para comer a merenda? Quanta vezes você percebeu que o aluno não está “nem aí” pra matéria dada?... simplesmente porque ele tem outras coisas mais urgentes para cuidar, e aí... deixa a escola. Estes são exemplos de questões sociais importantes e que estão vinculadas à vida escolar, ao que acontece numa dada escola, numa determinada comunidade ou sociedade.

Assim, vejo a sociologia como uma das formas possível para ajudar a entender a sociedade como o cenário onde a escola está situada com seus atores, papéis e políticas a serem desempenhadas.

Como você pode ver, a sociedade representa um universo de relações importantes que permeiam nosso cotidiano, que no caso das primeiras séries do

ensino fundamental, precisa ser percebido pelo educador de forma crítica, dado a importância que profissional tem em lançar bases consistentes e motivadoras para manter os alunos interessados e capazes de seguir para as séries subsequentes.

Você é muito importante como educador e o estudo da sociologia lhe convida a contribuir, junto com seus colegas, para um mundo melhor, mais inclusivo.

Abordaremos a SOCIOLOGIA por meio de três UNIDADES e uma ATIVIDADE FINAL GERAL. Cada uma das unidades estará dirigida por uma questão orientadora e dividida em duas SUBUNIDADES com suas respectivas ATIVIDADES FINAIS e OBJETIVOS. É importante você ficar atento à questão orientadora, porque esta funciona como seu guia na apresentação de cada conteúdo e está estreitamente relacionada com a atividade final de cada subunidade.

A Sociologia é uma das disciplinas do Módulo Fundamentos da Educação I. Como o próprio módulo sugere ela integra, junto com outras disciplinas, uma das bases de sua formação. Logo, procure criar um ritmo e hábitos de estudo que incluam, desde já, as seguintes tarefas:

- Ler atentamente todo o módulo;
- Pesquisar em livros, revistas e na internet;
- Escrever;
- Entrar em contato com os colegas de curso no fórum de discussão;
- Enviar suas atividades concluídas para seu tutor, sempre cuidando de fazê-lo na datas estabelecidas;
- Manter um caderno atualizado com suas observações pessoais e anotações importantes da disciplina;
- Ler os livros complementares;
- Frequentar assiduamente o ambiente virtual do curso;
- Fazer as atividades de auto-avaliação.

A organização do conteúdo da nossa disciplina está apresentada no quadro seguinte:

UNIDADES	SUBUNIDADES	OBJETIVOS
UNIDADE I – <i>O cenário social</i> <i>Questão Orientadora: É a desigualdade social ainda um problema no mundo atual?</i>	SUBUNIDADE I – <i>Desigualdade social, uma questão atual.</i>	Situar a questão da desigualdade social hoje, apresentando um eixo prático de discussão em torno do qual se abordará as distintas formas de manifestação desta desigualdade.
	SUBUNIDADE II – <i>Desigualdade social e Mundo Globalizado</i>	Compreender o fenômeno da desigualdade social contextualizado pelo atual mundo globalizado.
	Atividade Final da Unidade	Responder a questão orientadora criando um texto de sua autoria.

UNIDADE II – <i>A desigualdade como questão social</i> <i>Questão Orientadora: Como surge a desigualdade como questão social?</i>	SUBUNIDADE I – <i>O surgimento da ciência moderna.</i>	Apresentar as distintas formas de produção e manifestação do conhecimento humano, contextualizando o aparecimento da ciência moderna.
	SUBUNIDADE II – <i>O surgimento da sociedade industrial.</i>	Apresentar as relações que se estabelecem entre o surgimento da sociedade industrial, ciência moderna e desigualdade social.
	Atividade Final da Unidade	Responder a questão orientadora por meio da criação de um texto no qual se apresente a relação entre os conceitos envolvidos no estabelecimento da desigualdade como questão social.

Unidade III – <i>A interpretação sociológica dos fenômenos sociais.</i> <i>Questão Orientadora: Como a interpretação sociológica responde a questão da desigualdade social?</i>	SUBUNIDADE I – <i>A sociologia como ciência.</i>	Compreender de que forma a sociologia se estabelece como ciência em torno da desigualdade como questão social.
	SUBUNIDADE II – <i>A organização social como um problema.</i>	Apresentar as distintas respostas de superação da desigualdade social a partir da interpretação sociológica de sua natureza e configuração segundo os clássicos (Comte, Durkheim, Spencer, Weber e Marx).
	Atividade Final da Unidade	Responder a questão orientadora por meio da criação de um texto onde se apresente a interpretação de uma experiência vivida ou conhecida à luz de um dos pensadores apresentados.

ATIVIDADE FINAL GERAL	Construção de um texto, fundamentado nos conceitos trabalhados, sobre um dos três temas abaixo propostos: 1. De que forma o conteúdo estudado em sociologia está presente na minha vida cotidiana? 2. A sociologia mudou a minha forma de interpretar a sociedade na qual eu vivo? 3. A interpretação sociológica é importante nas atividades que desenvolvo como professor?	Demonstrar a compreensão do tema geral da disciplina por meio de um texto dissertativo sobre um de três temas propostos.
-----------------------	---	--

Como será sua avaliação final?

Você viu no quadro anterior, que mostra a organização da disciplina, que a avaliação final será feita por meio da elaboração de um texto versando sobre um de três temas propostos. Mas, lembre-se que a Atividade Final Geral corresponde a uma avaliação final, com apenas 50% do valor da nota final. Os outros 50% corresponderão a critérios adotados pelo tutor, como:

- Participação constante no fórum de debate.
- Envio das atividades solicitadas ao tutor na datas previstas.
- Participação com questionamentos ao tutor.
- Demonstração geral de interesse aluno, quando este apresenta contribuições e/ou sugestões de material relacionado ao conteúdo estudado ou vivências por ele experienciadas.

Todos esses aspectos são importantes para nós, pois eles revelam traços importantes sobre a formação do seu futuro comportamento profissional. Por isso, eles estão em avaliação, constituindo uma importante parte qualitativa do processo.

O que você deve ler como bibliografia básica?

BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 1986.

FORACCHI, M.M. e MARTINS, J. S. *Sociologia e Sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1987.

MEKSENAS, Paulo. *Sociologia*. São Paulo: Cortez, 1994.

QUINTANEIRO, Tânia. *Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

O que você pode ler ou consultar como bibliografia complementar?

ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. São Paulo/Brasília: Martins Fontes/Ed. da UnB, 1987.

CASTRO, Anna M. e DIAS, Edmundo F. Introdução ao pensamento sociológico. Rio de Janeiro: Eldorado, 1981.

CASTRO, Sueli Pereira/COVEZZI, Marinete A Sociologia como ciência - surgimento, objeto e método. Fascículo 1. Cuiabá: Editora da UFMT, 2000.

CONH, Gabriel (org.) Max Weber. São Paulo: Ática, 1982.

IANNI, Otávio (org.) Karl Marx. São Paulo: Ática, 1996.

MARTINS, Carlos B. O que é sociologia. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RODRIGUES, José A. (org.) Émile Durkheim. São Paulo: Ática, 1978.

UNIDADE I - O cenário social

Nesta Unidade I vamos situar a sociedade na qual vivemos e o problema da desigualdade social. A Unidade I se divide em duas Subunidades: Subunidade I: desigualdade social, uma questão atual; e Subunidade II: desigualdade social e mundo globalizado. O nosso objetivo é o de começar nossos estudos sociológicos a partir de uma situação concreta, e não meramente conceitual, guiada por uma Questão Orientadora: É a desigualdade social ainda um problema no mundo atual?

Estudar a sociedade parece uma coisa tão complexa porque a vida que nela se manifesta acontece de forma tão diversa e variada que muitas vezes não sabemos nem por onde começar a análise. Você já parou para pensar porque vive em família? Ou o que é uma família? Por que os tipos de família variam? Por que se tem que estudar numa escola e não em casa? Por que existem escolas diferentes para crianças diferentes se todas as crianças são iguais?

A escola, a família, a igreja, os partidos políticos, etc., estão tão presentes no nosso cotidiano que nem nos apercebemos de sua natureza e funções. Essa é a oportunidade que a sociologia nos oferece de nos afastarmos um pouco da floresta para nos debruçarmos sobre o conjunto das árvores que estão mais próximas, mesmo que este afastamento seja imaginário posto estarmos mergulhados na própria floresta.

A sociedade se constitui pela relação estabelecida entre as pessoas no seu cotidiano. E é a partir das manifestações sócio-econômicas e políticas reveladas no idioma falado, na moeda adotada, nas formas do trabalho produzir as riquezas e a subsistência das pessoas, etc que vamos encontrar a matéria-prima para o estudo sociológico.

Para desenvolver esta unidade, você vai precisar:

- ✓ Ler o texto-base fornecido;
- ✓ Consultar obras de referência em busca de informação geral;
- ✓ Fazer algumas anotações no próprio material da UAB e fazer suas anotações pessoais em seu caderno;
- ✓ Responder a algumas perguntas;
- ✓ Fazer uma atividade final em forma de texto dissertativo;

Ao término desta unidade, você saberá que alcançou um bom aproveitamento se:

- ✓ Identificar as situações de desigualdade social contextualizadas na sociedade na qual vivemos;
- ✓ Identificar as situações de desigualdade específicas da região na qual vive;
- ✓ Estabelecer relações entre o fenômeno da desigualdade social e as transformações

Trocar idéias com outras pessoas amplia a nossa capacidade de compreensão e discussão do conteúdo estudado, logo é importante:

- ✓ Participar do fórum de debates e trocar idéias com seus colegas de curso;
- ✓ Encaminhar suas dúvidas ao tutor de sua turma, quando não conseguir sozinho (a) dar boas respostas para as perguntas apresentadas. O tutor encaminhará suas dúvidas ao professor orientador que irá ajudá-lo (a);
- ✓ Frequentar constantemente o ambiente virtual do curso, para saber das novidades e do material complementar que será oferecido;
- ✓ Querer e buscar novos conhecimentos para além do que o curso lhe oferece.

Bom trabalho!

Berenice Tourinho

Subunidade I - Desigualdade Social, uma questão atual

Logo, trataremos de situar a questão da desigualdade social hoje, apresentando um eixo prático de discussão em torno do qual se abordará as distintas formas de manifestação desta desigualdade.

Adotamos este modo de trabalhar o conteúdo porque ao iniciar o estudo da sociologia é muito importante situar o seu objeto de estudo, a sociedade, no tempo e no espaço. Portanto vamos partir de exemplos de situações práticas, envolvendo casos que refletem diferentes tipos de desigualdade social, em uma sociedade historicamente determinada.

TEXTO-BASE

Diga-me, o que lhes parece mais fácil quando se quer fazer um bolo? Ler e receita e executá-la passo a passo ou observar a quem sabe fazer, fazendo o bolo? Sei que boa parte de vocês responderia pela segunda alternativa. Sabe por quê? Porque na prática há determinados “truques” que fazem parte da experiência de quem executa a receita e muitas vezes não consta da receita escrita, é também nesse espaço da prática que fazemos pequenas invenções propositais ou não que acabam dando certo, e assim inventamos novas receitas, novos sabores.

Desta forma também queremos dar tratamento ao nosso estudo sociológico, não necessariamente com uma prática, mas usando exemplos que retratem a prática, penso que assim fica mais fácil acompanhar o conteúdo, e encontrar o entendimento da teoria e da prática.

Portanto não vamos nos preocupar neste momento com uma definição a priori de sociologia ou sociedade. Vamos começar por ilustrar a questão da desigualdade social que esteve presente na origem da sociologia e até hoje compõe grande parte de seus estudos. Porém, também não vamos definir conceitualmente a desigualdade social, vamos sim apresentá-la em sua descrição concreta e só então iremos apresentar suas definições e construir conceitualmente suas distintas

manifestações. Portanto a desigualdade que iremos tratar neste primeiro momento, não se define ou é definida, ela se manifesta.

Note que quando se fala em desigualdade social se está dando um adjetivo para esta desigualdade, a desigualdade é do tipo social, como se falasse tem origem na sociedade, surge da vida em sociedade, surge da relação entre as pessoas, da forma como elas trabalham e utilizam o fruto do trabalho.

Somos Todos Desiguais

O traço mais marcante da sociedade brasileira é a desigualdade entre pobres, ricos, homens, mulheres, brancos e pretos.

A desigualdade entre os 176 milhões de brasileiros continua sendo a marca do País. Divulgada na quinta-feira 12 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Síntese de Indicadores Sociais 2002 (com dados relativos a 2001) mostra que a metade dos trabalhadores brasileiros ganha apenas de meio a dois salários mínimos (R\$ 480), sendo que na região Nordeste, a mais pobre do País, a proporção chega a 60%. Os dados mostram que a distância entre pobres e ricos, homens e mulheres, negros e brancos, do Norte, Nordeste e Sudeste são o retrato de um país onde a redução da desigualdade é uma ficção. Muitos números costumam confundir, mas estes insuflam a indignação: o percentual de 1% mais rico da população acumula o mesmo volume de rendimentos dos 50% mais pobres, e os 10% mais ricos ganham 18 vezes mais que os 40% mais pobres. Metade dos trabalhadores brasileiros ganha até dois salários mínimos e mais da metade da população ocupada não contribui para a Previdência. Os 10% mais ricos ganham 18 vezes mais que os 40% mais pobres. Quase um terço dos 40% mais pobres não têm carteira assinada, contra 8% dos 10% mais ricos.

As mulheres continuam ganhando menos que os homens em todos os Estados brasileiros e em todos os níveis de escolaridade. Elas também se aposentam em menor proporção que os homens e há mais mulheres idosas que não recebem nem aposentadoria nem pensão.

Mais estarrecedora é a constatação de que somos um país racista. Os dados

baseados em informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2001 revelam que a desigualdade por cor é mais forte do que aquela que distancia homens de mulheres. Os homens negros e pardos ganhavam, em 2001, 30% a menos que as mulheres brancas. No geral, o rendimento médio da população ocupada preta e parda ficou em torno de 50% do rendimento dos brancos: os negros ganhavam em média 2,2 salários mínimos mensais; a média para os brancos era de 4,5 mínimos. Nem o aumento do nível educacional foi suficiente para superar as desigualdades raciais.

Do total de pessoas que faziam parte do 1% mais rico da população, 88% eram de cor branca, enquanto entre os 10% mais pobres quase 70% se declararam de cor preta ou parda. O relatório mostra que os não-brancos recebem metade do rendimento de brancos em todos os Estados (sobretudo nas regiões metropolitanas de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba), e nem o aumento do nível educacional tem sido suficiente para superar a desigualdade de rendimentos. É inacreditável, mas apesar de ter a maior proporção de pretos e pardos do País (82%), a região metropolitana de Salvador se destaca pelas mais altas diferenças por cor: os rendimentos médios da população preta e parda representavam cerca de um terço dos rendimentos da população branca. Em termos de média de anos de estudo, também se encontravam lá as maiores desigualdades. Havia uma diferença de 2,9 anos de estudo entre brancos e pretos, enquanto a média nacional era de dois anos de diferença entre os grupos.

A melhora dos indicadores foi generalizada, sobretudo os de saúde, educação e condição dos domicílios, mas a distância entre os extremos ainda é muito grande. Alguns recortes da pesquisa:

80% dos domicílios dos 10% mais ricos têm saneamento adequado, contra os 35,5% dos 40% mais pobres.

Metade da população ocupada do Brasil tem rendimento (média mensal de todos os trabalhos) de meio a dois salários mínimos.

O percentual de estudantes de nível superior de 20 a 24 anos nos 10% mais ricos é de 23,4%, contra 4% nos 40% mais pobres.

Entre os 40% mais pobres, a proporção de empregados sem carteira é de 31,7%, contra 8% entre os 10% mais ricos. Mais de 1,6 milhão de mulheres acima de 60 anos ainda trabalham. Se há alguma boa notícia é a de que houve ligeira redução da desigualdade de renda em todas as regiões, exceto na Sudeste, entre os 10% mais ricos e os 40% mais pobres. A maior redução de desigualdade ocorreu na região Sul. Entre os Estados, Paraíba, Sergipe e Amapá foram os que mais reduziram as distâncias entre os rendimentos médios dos dois grupos. Outra boa notícia é a redução do trabalho infantil, que caiu de 19,6% das pessoas de cinco a 17 anos para 12,7% em 2001, ainda que 75% desses jovens trabalhadores sejam responsáveis por até 30% do orçamento de suas famílias.

9,5 milhões de famílias com crianças têm rendimento per capita de meio salário mínimo. A principal conclusão que aparece nas linhas e entrelinhas da pesquisa é dramática: o traço mais marcante da sociedade brasileira é a desigualdade – sendo que as desigualdades de rendimento acarretam muitas outras: existem mais de 30% de empregados sem carteira entre os 40% mais pobres e apenas 8% entre os 10% mais ricos; o percentual de estudantes de nível superior, de 20 a 24 anos, também é bastante desigual nos dois grupos, de 23,4% e de 4%, respectivamente. Dá para concluir que a vida aqui – onde surgiram 3,1 milhões de desempregados com mais de nove anos de estudo de 1989 a 2001 – não está fácil. E que o modelo adotado pela economia brasileira nos anos 90 foi um fiasco. Se não consola o brasileiro, cansado de ouvir falar que o Brasil é o país do futuro (que nunca chega), vale como alerta para o governo de Luiz Inácio Lula da Silva. (CHAIM, Célia. Somos todos desiguais. Revista Isto É, 2003, 1759, 64-65).

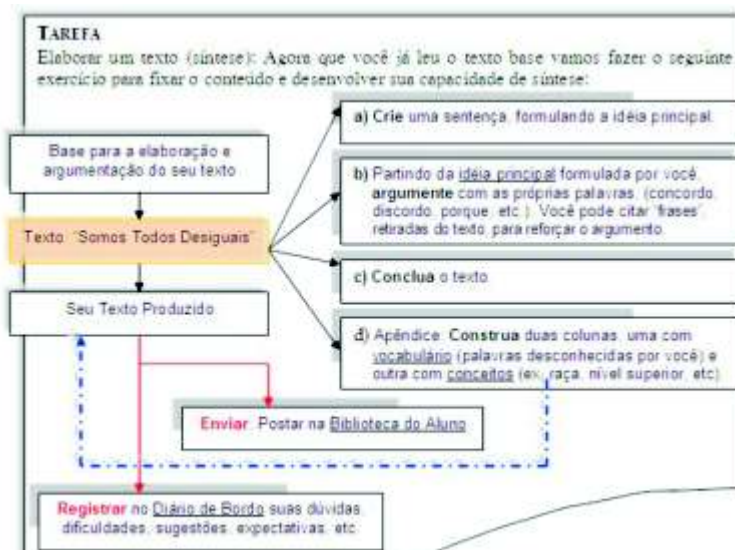
A partir de sua interpretação do texto vamos prosseguir nosso estudo, respondendo algumas questões:

1. Quantas formas de desigualdade o texto apresenta?

2. Quais formas de desigualdades a autora apresenta como as mais críticas?

3. Mesmo tratando da desigualdade o texto apresenta algum indicador positivo? Qual?

4. Que tipo de desigualdade você suspeita ser mais evidente em sua região? Por quê?



Para saber mais sobre a Desigualdade Social:

Links para Vídeos

Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=4WfwfT2c2SU>
Acesso em 8 jan. 2008.

Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=27jeW-AH4to> Acesso
em 8 de jan. 2008.

Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ZyHFOQcaNSQ>
Acesso em 8 de jan. 2008.

Links para Textos

RIBEIRO, A. P. Desigualdade social no Brasil continua em níveis elevados. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69309.shtml> Acesso em 8 jan. 2008.

ZIMMERMANN, Patricia & SPITZ, Clarice. O Brasil é o oitavo lugar em desigualdade social diz a pesquisa. Disponível em <http://www.alunosonline.com.br/barra/index.htm?url=http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u112798.shtml> Acesso em 8 de jan. 2008.

SOARES, Laura T. Desigualdades Sociais na América Latina: Retrocesso e Alternativas. Disponível em http://www.desempregozero.org.br/ensaios/desigualdades_sociais_na_america_latina_retrocesso_e_alternativas.php Acesso em 8 de jan. 2008.

Agora que você já construiu uma idéia sobre a desigualdade social vamos apresentar a discussão sobre alguns conceitos. Como você deve ter percebido existe diferentes formas de manifestação da desigualdade social. Em geral quando se trata este tipo de desigualdade se está falando de uma série de manifestações concretas das desigualdades como um todo: as regionais, as de pobreza extrema, as de concentração de renda e estoques de riqueza, as de insegurança no trabalho e nas ruas; as de discriminações de raça, gênero, idade, nível de escolaridade etc.

Mas, afinal de contas, o que define haver desigualdade além dos problemas que são a sua manifestação do dia-a-dia? (fome, falta de escolas, de atendimento

médico de qualidade, moradias e salários dignos, violência, trabalho, aumento de preços de gêneros alimentícios, etc.) Quem diz haver desigualdade social? Desigualdade de quê?

Os estudos sociológicos que usam a desigualdade social como matéria-prima de trabalho remonta aos primórdios da própria sociologia. Acreditamos, porém, que o primeiro passo para se identificar a desigualdade é buscar uma definição pelo seu oposto: desigualdade se caracteriza por uma situação onde não existe igualdade. Ou de outra forma: as sociedades são desiguais, mais poderiam ser igualitárias (Demo, 2008) No entanto, esta definição não é suficiente para se quantificar ou qualificar a desigualdade e explicar como esta se comporta com o passar do tempo, em determinada sociedade, sob determinadas relações sociais e condições materiais de existência em uma dada população.

Por outro lado é preciso encaixar na discussão da desigualdade o conceito de “multiculturalismo”, que entre outras coisas adota o “direito à diferença”. Os seres humanos querem, ao mesmo tempo, serem iguais e diferentes como declara o debate feminista. O que as pessoas não desejam é que as legítimas diferenças, que ocorrem na complexa dinâmica das relações sociais, sejam sempre apropriadas e transformadas em desigualdades.

O que é isso?

“As culturas, de si, seriam apenas ‘diferentes’. No relacionamento social, tendem a ser tratadas como desiguais, porque nunca ocorre que ambos os lados tenham a mesma chance, o mesmo nível, a mesma história, os mesmos recursos materiais, e, sobretudo o mesmo poder”. (Demo, 2008)

Logo, cientificamente é a estatística que entra como método de trabalho e apresenta uma correlação de dados sobre a população e permite comparar diferentes situações e demonstrar matematicamente e qualitativamente as desproporções que saltam aos olhos. Várias instituições nacionais e internacionais se dedicam, através de distintos programas, a elaboração e ao estudo, entre outras coisas, de indicadores estatísticos que refletem a desigualdade sócio-econômica no Brasil, América Latina e no mundo.

O que é isso?

Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (**BID**), e as Agências e programa lidados a Organização das Nações Unidas (**ONU**) como a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (**CEPAL**), Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (**UNESCO**), Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (**FAO**), Organização Internacional do Trabalho (**OIT**), Organização Mundial da Saúde e Organização Pan -Americana de Saúde (**OMS/OPAS**), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento(**PNUD**), etc.

No Brasil, duas agências se destacam na produção e no estudo dos indicadores de sócio-econômicos: o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No conjunto estas são geralmente as instituições citadas quando se utiliza dados estatísticos de referência para a análise da desigualdade social. Cabe agora informar que nem sempre os dados estatísticos apresentados por estas instituições são produzidos e analisados com os mesmos métodos e objetivos. Porém nosso objetivo aqui não é abordar a validade dos dados estatísticos, mas nos apropriarmos daqueles que são usados como referência, para entender os significados da desigualdade social.

Como nosso objetivo é o de discutir a desigualdade social acreditamos ser mais adequado partir da noção de países desenvolvidos e subdesenvolvidos, de acordo com o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), adotado no Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH), publicado periodicamente desde 1975 pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e com o qual a ONU compara a qualidade de vida de diferentes populações. Desta forma formulamos as questões: Como é possível saber se um país é ou não desenvolvido? Quais são as características de países desenvolvidos que os diferencia dos subdesenvolvidos? Como medir o nível de desenvolvimento de um país? Como acontecem as desigualdades sociais em países desenvolvidos e subdesenvolvidos? Os países desenvolvidos apresentam populações menos desiguais que os subdesenvolvidos?

Caracteristicamente os países desenvolvidos são aqueles que alcançam promover o aumento de suas riquezas e aperfeiçoar constantemente suas instituições políticas e sociais, de modo que sua população seja beneficiada por esse desenvolvimento e garanta o pleno exercício de seus direitos humanos. Logo, o desenvolvimento implica o igualitarismo entre os grupos sociais, que ao promover a

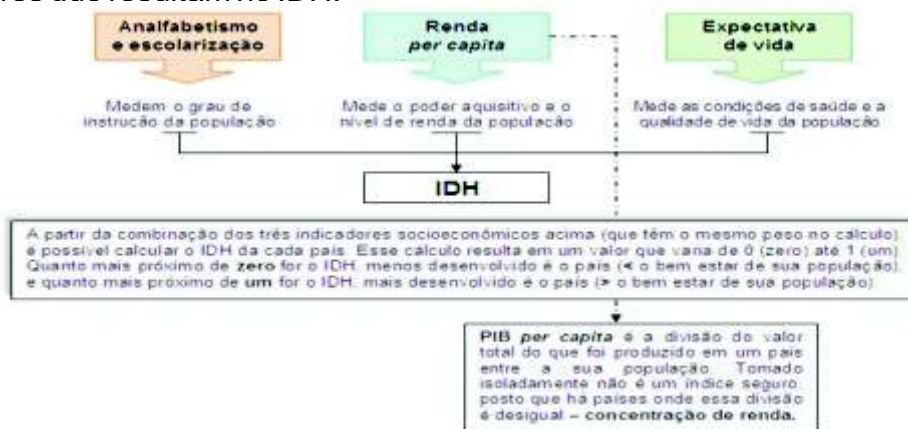
cidadania coletiva, exercem pressão no sentido de minimizar a formação de privilégios para poucos.

O que é isso?

"... para administrar as desigualdades de tal sorte que prevaleça o bem comum, cada sujeito precisa fazer-se sujeito de proposta própria, individual e coletiva, impondo controle democrático vigilante de baixo para cima". (Demo, 2008)

Já os países classificados como subdesenvolvidos comumente apresentam como características enormes desigualdades sociais, com uma minoria privilegiada da população concentrando as riquezas do país, enquanto a maioria continua empobrecida e marginalizada dos benefícios resultantes do aumento da produção. São também características de subdesenvolvimento dependência econômica e endividamento de países desenvolvidos, baixo nível de conhecimento tecnológico e científico, sistema de transporte precário e/ou ineficiente, elevadas taxas de crescimento natural da população, crescimento rápido das cidades, com surgimento de bairros pobres, sem água encanada, esgoto, saneamento e habitação, altas taxas de desemprego, altas taxas de mortalidade infantil, subnutrição, reduzida expectativa de vida e elevados índices de analfabetismo.

Como medir o nível de desenvolvimento de um país? Para medir os níveis de desenvolvimento de um país o PNUD analisa um conjunto de indicadores que retratam a situação econômica e social dos países, como a renda, a escolarização e as condições de vida da população. A combinação destes indicadores permite conhecer a o nível de desenvolvimento de um país, expresso por seu IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). No quadro a seguir apresentamos uma síntese dos indicadores que resultam no IDH.



✍ Em 2004 o IBGE lançou novos resultados sobre o Brasil apresentados na Síntese dos Indicadores Sociais, os indicadores foram elaborados a partir do resultado da PNAD (Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio). Síntese do resultado

:

✍ 43,5% da população do Brasil encontravam-se na Região Sudeste. Somente na Região Metropolitana de São Paulo, concentrava-se 10,7% da população;

✍ Na última década, a taxa de mortalidade infantil no Brasil manteve sua trajetória de declínio, passando de 41,1%, em 1993, para 27,5%, em 2003;

✍ O analfabetismo declinou em quase 30%, entre 1993 e 2003. Esse declínio foi mais intenso para as mulheres (31,7% contra 26,9% dos homens) e nas Regiões Sul (34,7%), Centro-Oeste (32,1%) e Sudeste (31,3%);

✍ A quase totalidade de crianças em idade escolar obrigatória (7 a 14 anos) frequenta a escola (97,2% em 2003).

✍ A taxa de escolarização dos jovens de 15 a 17 anos aumentou cerca de 33% nos últimos 10 anos e atingiu, em 2003, 82,4% desses jovens.

✍ Em 2003, havia 87,7 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade participando do mercado de trabalho na condição de ocupadas ou procurando trabalho. Este contingente expressa uma inserção da população no mercado de trabalho de 61,4% da população em idade ativa.

FILHO DO DONO (Petrúcio Amorim)

Não sou profeta
Nem tão pouco visionário
Mas o diário desse mundo
Tá na cara
Um viajante na boleia do destino
Sou mais um fio
Da tesoura e da navalha

Levando a vida
Tiro versos da cartola
Chora viola
Nesse mundo sem amor
Desigualdade
Rima com hipocrisia
Não tem verso nem poesia
Que console o cantador
A natureza na fumaça se mistura
Morre a criatura
E o planeta sente a dor

O desespero
No olhar de uma criança
A humanidade
Fecha os olhos pra não ver
Televisão
De fantasia e violência
Alimenta o crime
Cresce a fome do poder

Boi com sede
Beba lama
Barriga seca
Não dá sono
Eu não sou dono do mundo
Mas tenho culpa
Porque sou filho do dono

✍ As mulheres aumentaram sua participação na População Economicamente Ativa - PEA em relação ao ano anterior a uma taxa superior à observada para os homens, 2,5% contra 1,6%, respectivamente. Contudo, é importante ressaltar que apesar do aumento do número de mulheres no mercado de trabalho, sua taxa está muito aquém à dos homens, 50,7% contra 72,8%.

✍ A redução da participação dos jovens no mercado de trabalho é um reflexo do aumento da taxa de frequência à escola. A taxa de atividade da população na faixa de 10 a 14 anos de idade sofreu uma redução de cerca de 1 ponto percentual.

✍ Apesar da maior escolaridade e avanço da inserção feminina no mercado de trabalho, as mulheres recebem um rendimento em média de 30% inferior ao dos homens. As explicações para esse fato decorrem desde as características de inserção das mulheres no mercado de trabalho, fortemente concentradas no setor de serviços e em ocupações pouco qualificadas e de baixa remuneração, até a trajetória profissional destas, no que se refere ao menor índice de ocupação em cargos de comando ou chefia.

✍ 99,5% dos domicílios no Brasil tinham acesso à iluminação elétrica e 89,6% acesso à água por rede geral de abastecimento com canalização interna. No entanto, pouco mais da metade das moradias urbanas brasileiras (55,3%) informaram utilizar o serviço de esgotamento sanitário por rede geral.

✍ 17,5% dos domicílios possuíam computador, mas apenas 13,2% possuíam acesso à Internet.

✍ Em 2003, havia cerca de 5,1 milhões de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos de idade trabalhando, situação que vem se reduzindo nos últimos anos, mas que ainda reflete um quadro de desigualdades sociais existentes no País. Em particular, 1,3 milhão de crianças entre 5 e 13 anos de idade se encontravam ocupadas, um contingente não desprezível que corresponde, aproximadamente, à população do Estado de Tocantins.

✍ Em média, o rendimento recebido pelas crianças e adolescentes de 10 a 17 anos de idade contribuía com cerca de 17% do rendimento familiar total. Nesse sentido, observa-se a importância do rendimento do trabalho infantil no contexto familiar e

mostra que o trabalho das crianças e adolescentes está relacionado com a situação socioeconômica das famílias em que elas estão inseridas. Quase metade dessas crianças vivia em famílias com rendimento familiar per capita de até 1/2 salário mínimo.

✍ 38% das crianças e adolescentes ocupados não recebiam remuneração pelo seu trabalho. Na faixa etária de 10 a 15 anos, essa proporção era ainda maior (53,2%) e chegava a 64,8% no Nordeste.

✍ Nas áreas rurais, o trabalho precoce é mais acentuado do que nas áreas urbanas. De 1,8 milhões de crianças de 10 a 17 anos ocupadas nas áreas rurais, 37,6% começaram a trabalhar com menos de 10 anos de idade.

Ainda segundo o IBGE, baseado na Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2002-2003, que traçou um perfil das despesas e dos rendimentos das famílias brasileiras, em 2003, 40% das famílias que apresentavam baixos rendimentos (até R\$ 758,25) tinham uma despesa per capita de R\$ 180,00, enquanto 10% das famílias brasileiras mais ricas (com renda a partir de R\$ 3.875,78) demonstraram ter uma despesa per capita de R\$ 1.800,00. Isso significa que o grau de desigualdade no Brasil entre os mais ricos e os mais pobres é de dez vezes.

Segundo Luís Alceu Paganotto, técnico do IBGE, esse é mais um dado que confirma a distribuição desigual das riquezas no Brasil. “Existe uma disparidade muito grande quanto à distribuição da riqueza no País, quer consideremos a distribuição sob o aspecto geográfico, quer a consideremos sob o aspecto familiar (ou pessoal)”, diz.

Outras referências documentais também demonstram essa desigualdade, utilizando o índice [Gini](#), como o IPEA e o PNUD.

Em maio de 2007, o IPEA promoveu um debate - Ciclo de Debates Sobre temas estratégicos para o Desenvolvimento Nacional - sobre a redução da desigualdade no Brasil, no qual seus representantes apresentaram o livro “Desigualdade de Renda no Brasil: uma análise da queda recente”. Esta obra reúne artigos de 15 especialistas que constataam a significativa redução dos índices de desigualdade social e de pobreza no Brasil desde 2001.

Neste trabalho os autores demonstram a evolução recente da desigualdade de renda no Brasil, que, a partir de 2001, começou a declinar de forma acentuada e contínua. O coeficiente

O que é isso?

Índice normalmente utilizado para medir o grau de concentração de renda de uma população (apesar de ser considerado defasado em relação a métodos mais novos), criado pelo matemático italiano Conrado Gini. Atribui valores numa escala de 0 a 1, numa comparação feita segundo a renda domiciliar per capita entre os 20% mais pobres e os 20% mais ricos. Quanto mais perto de zero estiver o Gini, maior o grau de igualdade de uma população.

de Gini, uma das medidas de desigualdade mais utilizadas, diminuiu 4,6%, passando de 0,594, em 2001, para 0,566 em 2005. Mas, a despeito dessa queda importante na desigualdade, o país ainda permanece ocupando posição negativa de destaque no cenário internacional, como um dos países com maior grau de desigualdade de renda no mundo. Mesmo no ritmo acelerado com que vem reduzindo a desigualdade, o país ultrapassou apenas 5% dos países no ranking de desigualdade. Além disso, segundo os autores do trabalho, ainda seriam necessários mais de 20 anos para que o Brasil atingisse um nível similar ao da média dos países com maior grau de desenvolvimento.

Até a publicação do Relatório do Desenvolvimento Humano 2005 (RDH 2005), do PNUD, o Brasil foi apontado como referência de desigualdade. No entanto, no RDH 2006 é apresentado como exemplo de melhoria na distribuição de renda.

Atualmente, segundo este relatório o Brasil é o 10^a distribuição de renda mais desigual em uma lista de 126 países e territórios, à frente da Colômbia, Bolívia, Haiti e cinco países da África Subsaariana, saindo da penúltima posição no ranking de distribuição de renda da América Latina.

Entenda as medidas:

Há várias formas de medir como os recursos estão sendo repartidos em uma sociedade. Uma delas é a distância média per capita da distribuição de rendimentos entre os 40% mais pobres e os 10% mais ricos. Essa é uma medida utilizada pelo IBGE, mostra o quanto a população mais rica está situada em relação à mais pobre ou seja, o grau de desigualdade da distribuição. A variável utilizada é a medida per capita familiar. Já a despesa per capita familiar é considerada como uma capacidade de apropriação de pessoas ou famílias e uma medida de bem-estar e pobreza. Assim, quanto menor a despesa per capita, maior o nível de pobreza da população em estudo.

O desempenho brasileiro é avaliado no relatório principalmente com base no índice Gini, segundo o qual o Brasil apresenta índice de 0,580, menor que o da Colômbia (0,586, nona no ranking dos piores) e pouco maior que os da África do Sul e Paraguai (0,578, empatadas na 11ª colocação). O relatório afirma ainda que a evolução brasileira nos últimos anos vai na contra-mão da tendência de alta de países como a Colômbia, Bolívia e Paraguai. Ainda segundo este relatório, apesar dos avanços o Brasil ainda é mais desigual do que todos os países com índice de IDH superior ao seu.

Porém, cabe observar, como ressalva o RDH 2006, o Brasil subiu duas colocações graças à ampliação do fosso de renda entre pobres e ricos na Bolívia e à entrada do Haiti no ranking. Isso me parece muitas vezes com a situação dos times de futebol da 1ª. Divisão do Campeonato Brasileiro que estão na linha do rebaixamento, dependendo do resultado de outros jogos e, tanto o time como os torcedores, torcem para que seus adversários percam os jogos de cuja pontuação estes dependem para não serem rebaixados para a 2ª divisão do futebol.

Evolução da desigualdade nos países	Relatório 2006			Relatório 2004			Relatório 2002		
	Índice Gini	Posição ranking	Ano de referência	Índice Gini	Posição ranking	Ano de referência	Índice Gini	Posição ranking	Ano de referência
Namíbia	0,743	1	1993	0,707	1	1993	—	—	—
Bolívia	0,601	7	2002	0,447	38	1999	0,447	34	1999
Colômbia	0,586	9	2003	0,576	9	1999	0,571	8	1996
Brasil	0,580	10	2003	0,591	8	1998	0,607	4	1998
Paraguai	0,578	11	2002	0,568	11	1999	0,577	7	1998
África do Sul	0,578	12	2000	0,593	7	1995	0,593	6	1993-94
Nicarágua	0,431	43	2001	0,551	14	2001	0,603	5	1998

Disponível em <http://www.pnud.org.br/rdh/destaques/index.php?lay=inst&id=dtg#d2006> Acesso em 10 jan. 2008.

Por fim, os países desenvolvidos apresentam populações menos desiguais que os subdesenvolvidos? Supostamente sim, no entanto desde a década de 80, com fenômeno da globalização vem ocorrendo um aumento significativo da diferença entre ricos e pobres nos países desenvolvidos e diferenças cada vez mais abissais entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Um exemplo citado pelo mesmo RDH 2006 é o Estados Unidos onde a diferença entre ricos e pobres cresceu drasticamente. Segundo o relatório, a renda dos 1% de lares mais ricos cresceu 135% e a participação deles no PIB (Produto Interno Bruto) dobrou para 16%, enquanto os salários da manufatura tiveram queda real de 1%, “em outras palavras,

os frutos dos ganhos de produtividade que promoveram o crescimento do Estados Unidos foram fortemente direcionados para as partes mais ricas da sociedade”. Mas daremos prosseguimento a este assunto na próxima subunidade.

Para além das estatísticas que demonstram quantitativamente a desigualdade, e servem de instrumento de análise para os problemas sociais podemos perceber que a desigualdade é um problema concreto e que sacrifica muitas gerações nos países subdesenvolvidos.

Prosseguindo nossos estudos vamos indicar, a seguir, três questões para você discutir no chat com seus colegas.



1. Por que há tanta desigualdade no Brasil?
2. O que a desigualdade social tem a ver com sociologia?
3. Como você vê o comportamento entre os dados estatísticos apresentados no texto base e aqueles apresentados na discussão dos conceitos?

Agora, vamos ampliar seu conhecimento, consultando, na Biblioteca do Curso, outros textos que falam de desigualdade social numa outra linguagem.

Consultar na Biblioteca do Curso:

BETTO, F. A avareza. IN: SADER, Emir (Org.). 7 pecados do capital. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 9-21.

BETTO, F. A fome. IN: SADER, Emir (Org.). 7 pecados do capital. Rio de Janeiro: Record, 2000. p.107-119.



Após as leituras formule uma questão a ser apresentada e debatida no fórum do ambiente virtual.

CONCLUSÃO

Chegamos ao final da SUBUNIDADE 1. Nela abordamos, por meio de dados estatísticos, o problema concreto da desigualdade social em nosso país. Apresentamos sua variação, os métodos para demonstrar e quantificar suas formas de manifestação e seu vínculo com a condição de países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Embora os dados estatísticos estejam orientados por objetivos, métodos, interesses políticos e valores distintos, eles são importantes indicadores que podem oferecer uma medida aproximada de desigualdade social e classificação do tipo de desenvolvimento de um país. O importante é tratá-los com certa distância crítica, atitude importante para um profissional da educação, usando diferentes referências, comparando-as a fim de utilizá-las de forma cientificamente adequada.

SUBUNIDADE II - Desigualdade Social e Mundo Globalizado

Já discutimos concretamente sobre a desigualdade social na Unidade I, mas... e agora? Como ela vai se comportar no chamado mundo globalizado? Quais são as chances dos países subdesenvolvidos amenizarem ou mesmo superarem seu impacto nesta nova ordem mundial sem fronteiras? Será que nesta nova ordem mundial a desigualdade ocorre da mesma forma nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos?

Atualmente surgem muitas discussões sobre a globalização e as novas tecnologias. Ao entrar no tema da globalização é praticamente impossível discutir seus impactos sobre a desigualdade brasileira sem situar o Brasil na nova ordem econômica mundial, com suas inter-relações sócio-políticas e econômicas. Logo estamos falando dos determinantes econômicos e financeiros que estão estabelecendo uma outra forma dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos se relacionarem e conseqüentemente um novo cenário aonde a desigualdade social vem sendo alterada.

Vamos ilustrar com alguns exemplos.

“Objetivo estratégico em Ciências Humanas e Sociais 1: promover a inclusão social, a redução da pobreza e a luta contra a desigualdade social.”

Uma das estratégias definidas pela Unesco para o Programa de Ciências Sociais e Humanas no Brasil, www.unesco.org.br

“Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza 2007.”
‘20º Aniversário - Pessoas vivendo na pobreza como Agentes de Transformação.’

Celebrado em 17 de outubro, é de responsabilidade da Unidade de Perspectiva Social para o Desenvolvimento/ Divisão de Política e Desenvolvimento Social do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, www.unesco.org.br

“O Brasil cumpriu, dez anos antes do prazo estabelecido pela ONU, a meta de reduzir pela metade a porcentagem de pessoas que vivem em situação de pobreza extrema.”

Relatório Nacional de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio 2007, www.unesco.org.br



O que você acha que pode estar acontecendo? Consulte os sítios assinalados, leia as reportagens, reflita e escreva em seguida um parágrafo dando sua opinião.

A seguir apresento uma crônica de Mario Prata para sua leitura e reflexão. O objetivo é o de prepará-lo para uma discussão mais aprofundada em que vamos construir a compreensão do vínculo existente entre a globalização e o neoliberalismo.

Mario
PRATA

A gente é o que mesmo?

Quando eu era pequeno, década de 50, o meu pai me ensinou que a gente vivia num país pobre. Isso explicava e justificava muita coisa. Até mesmo o preço da figurinha carimbada. Mas ele, mineiro, dizia que, com o Juscelino, a gente ia sair dessa pobreza. A Copa de 58 era um exemplo. Lá na Europa, batemos em todos aqueles ricos. E de goleada. O Brasil nunca mais ia ser o mesmo. Sem falar no Eder que batia em todo mundo. Até apanhar de um japonês. O Japão vai longe, dizia meu pai. O Brasil também, eu pensava. Pobre de mim.

O mundo girou e a Lusitana rodou. Nos anos 60, finalmente, o Brasil deixou de ser um país pobre. Descobrimos, muito felizes, que éramos um país subdesenvolvido. Agora o Brasil era um país subdesenvolvido! Para mim estava claro. A gente era sub. Como subgerente de banco. O subgerente, é uma questão de meses, logo vira gerente. É a ordem natural das coisas. Sentia-me feliz com o meu país. A gente era sub. Ou seja, estava quase lá. É, no nosso codinome, digamos assim, a palavra desenvolvido já fazia parte, mesmo que precedida por um sub.

Passam-se mais uns dez anos e deixamos – eu tinha certeza! – de ser um país subdesenvolvido. Agora sim, a gente já era um país do Terceiro Mundo. Isso foi uma grande onda de otimismo. Já éramos Terceiro Mundo! Na nossa frente só estavam o Segundo e o Primeiro Mundo. A gente já era medalha de bronze, gente! Questão de meses, alguns anos talvez e o gigante adormecido chegava lá. Já pensou, podia ser pior, a gente podia ser quinto, oitavo mundo. Não, a gente era Terceiro Mundo! Terceiro! Agora a coisa ia. Ainda mais com a mão firme e o coração duro dos brilhantes militares. Eles também, terceiro-mundistas.

Eu sabia que as coisas iam melhorar. Deixamos de ser terceiro-mundistas logo e passamos a fazer parte do bloco dos países em desenvolvimento. Agora sim, já éramos um bloco. Tinha gente do nosso lado na marcha

ao futuro. Sim, reconheceram. Já estávamos na fase do "em desenvolvimento". Uma maravilha. A gente era um país que ia pra frente. Ninguém segurava este país, cantava alguém.

Entraram os anos 90 e logo avisaram a gente. O Brasil não é mais um país em desenvolvimento. Conclusão logo que a gente já estava desenvolvido, ora pois. Era quase isso. Agora a gente era um país emergente. Perfeita a palavra. Vem de emergir. Emergente! Gostei. Gostei de me sentir emergente. Pra quem começou como pobre, foi subdesenvolvido, foi Terceiro Mundo, esteve em fase de desenvolvimento, agora sim, estávamos emergentes.

Fui ao mestre Aurélio: sair de onde estava mergulhado. Era isso, a gente, agora sim, estava emergindo, saindo de onde estávamos mergulhados, saindo, enfim, da merda, se me desculpem.

Estava feliz com o meu país emergente. Até que vi uma matéria numa revista sobre brasileiros e brasileiras emergentes. Fiquei um pouco preocupado. Será que o Brasil tem a cara daquela oxigenada emergente lá do Rio de Janeiro?

Sabe quem dá esses nomes todos para o Brasil e a gente sempre aceita achando que agora a coisa vai? Um tal de G-7 + Rússia. Parece coisa de computador. Só que não dá para deletar. A gente vai mudando de nome, mas o G-7 + Rússia continua o mesmo. Cada vez mais rico, cada vez mais Primeiro Mundo, mais desenvolvido, mais emergidíssimo. Desconfio que seja à nossa custa. Mas quem sou eu? Sou pobre, dizia meu sábio pai.

E como é que eles vão chamar a gente na próxima década, que já será no novo século? Acho que G-7 + Rússia vai nos fazer justiça.

O Brasil, será conhecido, finalmente, como O País do Século XX, ou seja, do século passado. Já é alguma coisa, meu pobre leitor. Ou você prefere ser chamado de emergente leitor? ■



Prosseguindo nossos estudos sobre globalização e a relação desta com o neoliberalismo, partimos da seguinte associação: Paul Singer (1998: 21) afirma que a globalização é um processo (logo é dinâmica e, portanto está em movimento) de reorganização da divisão internacional do trabalho, acionado em parte pelas diferenças de produtividade e de custos de produção entre países.

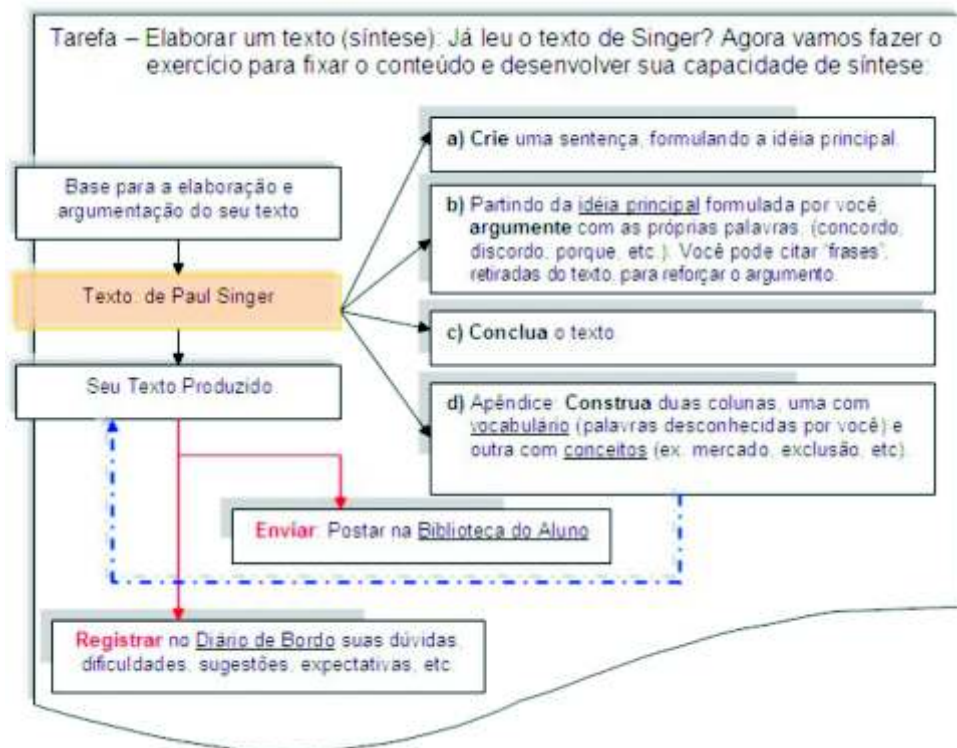
Você já ouviu falar de produtos que são fabricados num determinado país, mas a empresa que administra sua fabricação fica em outro, geralmente um país rico? E também já ouviu dizer que no processo de fabricação destes produtos a matéria-prima (pequenas partes como peças, artefatos, embalagens, transporte, etc.) pode vir de fábricas e empresas situadas em outros países? Esse procedimento de produção é hoje muito utilizado para baratear os custos da produção. Ou seja, um produto final que você consome hoje no mercado pode ter sido fabricado em diferentes países.

Logo temos que as grandes empresas buscam baratear os custos de produção (e assim aumentar sua margem de lucro) buscando países que oferecem matéria prima e mão-de-obra mais baratas e governos financeiramente dependentes dos empréstimos financeiros dos países ricos. Este processo de barateamento dos custos da produção acaba envolvendo uma categoria de análise muito importante para a sociologia que é o conceito de trabalho. Ora, as oportunidades de trabalho existentes, por sua vez, implicam os conceitos de mercado, renda e novas tecnologias que são outras categorias de análise sociológicas importantes.

Portanto, quando se fala da divisão internacional do trabalho se está tratando de uma nova maneira reorganizar quem vai fazer o que no sistema produtivo mundial e no sistema de consumo do que foi produzido, ou seja, que país vai produzir e o quê e que país vai comprar e o quê, formando uma nova reordenação entre países economicamente fortes, geralmente desenvolvidos e países de economia dependente, geralmente subdesenvolvidos.

O que podemos constatar é que a globalização está determinada por uma ideologia neoliberal comandada por grandes organizações multinacionais e tem como mecanismo de avanço e consolidação as novas tecnologias.

Proponho agora que você leia e texto de Paul Singer “Globalização, precarização do trabalho e exclusão social” (Biblioteca do Curso). Neste texto Singer faz uma discussão interessante sobre a globalização resgatando a relação desta com o mundo do trabalho no fim do séc. XX.



Agora gostaria de apresentar uma aula que preparei para você com o objetivo de discutir a inter-relação existente entre os conceitos de globalização, neoliberalismo e desigualdade social. Acesse o link ao lado para assistir a exposição.

Imagino que você já avançou bastante tendo refletido sobre a globalização e seus impactos na desigualdade social, a partir dos textos anteriores, principalmente após o exercício do texto de Paul Singer e a exposição sobre a “Globalização Corporativa Neoliberal”.





1. De que forma a globalização atua sobre a desigualdade social?
2. Para efeito de análise da desigualdade social no mundo a globalização pode ser abordada sem levar em conta o tipo de desenvolvimento apresentado pelos países no mundo?
3. Qual o impacto das novas tecnologias na inclusão social?

Para melhor consolidar o seu conhecimento, acesse a Biblioteca do Curso.

Consultar na Biblioteca do Curso:

Livros & Artigos

ARAÚJO, Wagner F. D. de. Desigualdade social no fim do Séc. XX: existe uma linha de pobreza "globalizada"? Disponível em <http://www.sapereaudare.com/economia/texto04.html> Acesso em 8 jan. 2008.

BOOF, L. O ecosídio e o biocídio. IN: SADER, Emir (Org.). 7 pecados do capital. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 31-55.

FERNANDES, Marco A. Olhando para o Séc XXI. Disponível em <http://www.interpsic.com.br/saladeleitura/texto41.html> , Acesso 27 jan. 2002.

PNUD. Destaques do DRH 2007/ 2008. Aquecimento global vai ampliar as desigualdades na América Latina. Disponível em <http://www.pnud.org.br/rdh/destaques/index.php?lay=inst&id=dtq#d2006> Acesso em 10 jan. 2008.

PNUD. Destaques do DRH 2007/ 2008. Divisão entre ricos e pobres aumenta ainda mais com mudança do clima. Disponível em <http://www.pnud.org.br/rdh/destaques/index.php?lay=inst&id=dtq#d2006> Acesso em 10 jan. 2008.

PNUD. Destaques do DRH 2007/ 2008. Mudança de clima ameaça reversão de desenvolvimento humano sem precedentes. Disponível em <http://www.pnud.org.br/rdh/destaques/index.php?lay=inst&id=dtq#d2006> Acesso em 10 jan. 2008.

RYOKI, André & ORTELLADO, Pablo. Estamos vencendo! Resistência global no Brasil. São Paulo: Conrad, 2004.

SINGER, P. Globalização, precarização do trabalho e exclusão social. IN: Globalização e desemprego – diagnósticos e alternativas. São Paulo: Contexto, 1998. p. 11-33.

SIGG, Érika. Sociólogo da fome. Sociologia – ciência & vida, 2007, 12, 28-35.

VIANNA, Nildo. Neoliberalismo: afinal o que é. Sociologia – ciência & vida, 2006, 01, 14-21.



Após as leituras formule uma questão a ser apresentada e debatida no fórum.

CONCLUSÃO

Nesta subunidade procuramos ampliar o debate sobre a desigualdade social iniciado na Subunidade I onde esta foi tratada de forma mais localizada no Brasil e América Latina. A ampliação do debate sobre a desigualdade social nesta Subunidade II, procurou situá-la em um cenário mais amplo ainda, incluindo a dinâmica relação entre países ricos e pobres como o fenômeno da globalização e do neoliberalismo.

ATIVIDADE FINAL DA UNIDADE I

Como foi proposto na metodologia de avaliação para todas as Unidades, realizaremos agora a Atividade Final da Unidade I, que corresponde a uma atividade avaliativa parcial do conteúdo discutido até aqui. Quando se a realização de uma

avaliação, seja ela qual for, é essencial que se tenha claro o objetivo proposto, este funciona como uma medida ou parâmetro de conferência para checar os resultados.

Você lembra quais foram os objetivos que traçamos para avaliar o aproveitamento desta Unidade I? Vamos recapitular:

- ✓ Identificar as situações de desigualdade social contextualizadas na sociedade na qual vivemos;
- ✓ Identificar as situações de desigualdade específicas da região na qual vive;
- ✓ Estabelecer relações entre o fenômeno da desigualdade social e as transformações

Esse é o momento que você pode demonstrar o seu grau de compreensão e aproveitamento que alcançou estudando e discutindo sobre a desigualdade social. Desta forma a Atividade Final da Unidade I requer que você construa um texto, não muito longo (máximo duas laudas), respondendo a Questão Orientadora proposta para esta Unidade: É a desigualdade social ainda um problema no mundo atual?



Não esqueça de enviar seu texto ao tutor de sua turma para fins de avaliação.

"A educação não traz a felicidade
E nem sequer a liberdade

Não nos tornamos felizes por que somos livres. Se somos.
Ou porque fomos educados, se fomos.

Mas porque a educação pode ser um meio pelo qual percebemos que somos felizes.
Abre nosso olhos e ouvidos.

Nos conta onde se escondem os prazeres.

Nos convence de que só existe uma liberdade que realmente importa. A da mente.

E nos dá a segurança, a confiança para trilhar o caminho da mente.

Que nossa mente educada proporciona.."

Íris Murdoch, escritora e filósofa irlandesa.

UNIDADE II - A desigualdade como questão social

Agora que já temos uma base de compreensão de como se manifestam e se inter-relacionam as distintas formas de desigualdade social, e vimos que esta é uma questão mais do que nunca atual, cabe questionar: foi sempre assim? Quando e em que circunstância surge a preocupação com a desigualdade social? Quando a desigualdade social passou a chamar a atenção do Estado e dos estudiosos? Como e quando ela se torna questão social, envolvendo estudos e a ciência?

A forma de manifestação da desigualdade que mais chama a atenção parece ser aquela que caracteriza a enorme diferença entre ricos e pobres, mas nem sempre foi assim. Mas, ainda hoje, há pessoas que acreditam que isso se deve a vontade divina, pura e simples, e a respeito do que, dizem nada poder fazer, a não ser render-se.

Você sabe que um dia ouvi de um aluno? - ora professora, deixe disso, desde que o mundo é mundo, sempre foi assim e sempre o será. Fiquei pensativa sobre este tipo de convencimento, ou será conformismo?

Você não é do tipo que simplesmente afirma que existem pobres e ricos porque Deus quer, ou porque sempre foi assim?! ...ou é?! Se for, lhe convido a ver a diferença entre ricos e pobres e suas conseqüência, por outro ângulo, de outra maneira, usando uma outra ferramenta de interpretação do mundo: a ciência. Assim, o convite é para realizar um processo de desconstrução e reconstrução do conhecimento que hoje você tem.

Na Unidade II vamos abordar a as condições históricas e sociais que propiciaram o surgimento de uma nova forma do homem interpreta e intervir no mundo: a ciência; como também o palco de grandes transformações materiais, econômicas e sócio-políticas que favoreceram e determinaram o aparecimento da ciência: a Sociedade Industrial. Ambos os fatores são de grande determinação para a definição da desigualdade como uma questão social.

Com o propósito de demonstrar esta determinação a Unidade II está dividida em

duas Subunidades: Subunidade I: o surgimento da ciência moderna; e Subunidade II: o surgimento da sociedade industrial. A problematização desta Unidade II terá como guia a seguinte Questão Orientadora: Como surge a desigualdade como questão social?

Para desenvolver esta unidade, você também vai precisar:

- ✓ Ler o texto-base fornecido;
- ✓ Consultar obras de referência em busca de informação geral;
- ✓ Fazer algumas anotações no próprio material da UAB e fazer suas anotações pessoais em seu caderno;
- ✓ Responder a algumas perguntas;
- ✓ Fazer uma atividade final em forma de texto dissertativo;

Ao término desta unidade, você saberá que alcançou um bom aproveitamento se:

- ✓ Identificar as características e inter-relações existentes nas formas de produção e apresentação do conhecimento humano;
- ✓ Discutir o surgimento e as características do conhecimento científico em relação às outras formas de conhecimento e como fruto do mundo moderno;
- ✓ Estabelecer a relação existente entre Revolução Industrial, sociedade industrial, ciência moderna e a desigualdade como questão social.

Trocar idéias com outras pessoas amplia a nossa capacidade de compreensão e discussão do conteúdo estudado, logo é importante:

- ✓ Participar do fórum de debates e trocar idéias com seus colegas de curso;
- ✓ Encaminhar suas dúvidas ao tutor de sua turma, quando não conseguir sozinho (a) dar boas respostas para as perguntas apresentadas. O tutor encaminhará suas dúvidas ao professor orientador que irá ajudá-lo (a);
- ✓ Frequentar constantemente o ambiente virtual do curso, para saber das novidades e do material complementar que será oferecido;
- ✓ Querer e buscar novos conhecimentos para além do que o curso lhe oferece.

SUBUNIDADE I - O surgimento da ciência moderna

Podemos dizer que o conhecimento produzido pelo homem no processo civilizatório se apresenta basicamente de quatro formas: o mito, a filosofia, o senso comum e a ciência. Cada um a seu modo, fornecendo uma leitura de mundo que é fruto das relações humanas em uma sociedade historicamente determinada.

Wikipédia

Epistemologia ou teoria do conhecimento (do grego ἐπιστήμη [*episteme*], ciência, conhecimento; λόγος *logos*], discurso) é um ramo da filosofia que trata dos problemas filosóficos relacionados à crença e ao conhecimento.

Até certo momento da história do conhecimento humano a epistemologia fazia um estudo destas formas de conhecimento como distintas e mutuamente excludentes de acordo com o grau de precisão e proximidade que dispunham para explicar a realidade observada e/ou de acordo com os objetivos de apropriação e controle do próprio conhecimento por determinados grupos.

Você sabia que a inteligência artificial, aquela que move os computadores modernos, funciona com a lógica Aristotélica?

Mas, não vamos nos ater ao conhecimento filosófico porque você terá a oportunidade de conhecer os fundamentos da filosofia, na forma do conhecimento humano, de modo mais detalhado e rico na disciplina de Filosofia. Aqui, vamos nos dedicar ao surgimento da ciência moderna e estabelecer a construção de sua lógica também comparativamente às outras formas de conhecimento como o mito e o senso comum.

Wikipédia

A lógica é uma ciência de índole matemática e fortemente ligada à Filosofia. Já que o pensamento é a manifestação do conhecimento, e que o conhecimento busca a verdade, é preciso estabelecer algumas regras para que essa meta possa ser atingida. Assim, a lógica é o ramo da filosofia que cuida das regras do bem pensar, ou do pensar correcto, sendo, portanto, um instrumento do pensar. A aprendizagem da lógica não constitui um fim em si. Ela só tem sentido enquanto meio de garantir que nosso pensamento proceda corretamente a fim de chegar a conhecimentos verdadeiros. Podemos, então, dizer que a lógica trata dos argumentos, isto é, das conclusões a que chegamos através da apresentação de evidências que a sustentam. O principal organizador da lógica clássica foi Aristóteles, com sua obra chamada *Organon*. Ele divide a lógica em formal e material.

Um sistema lógico é um conjunto de axiomas e regras de inferência que visam representar formalmente o raciocínio válido. Diferentes sistemas de lógica formal foram construídos ao longo do tempo quer no âmbito estrito da Lógica Teórica, quer em aplicações práticas na computação e em Inteligência artificial.

Para início de conversa é importante termos em mente que mito, ciência e senso comum são frutos do uso da racionalidade humana para resolver problemas, para lidar com o cotidiano e as necessidades que surgem na vida humana em sociedade. Embora haja uma tendência de considerar uma hierarquia entre eles, mito, senso comum e ciência são apenas modos distintos, mas não superiores entre si, de resolver problemas.

Não raras vezes quando discutimos sobre o senso comum, mito, filosofia e ciência há uma tendência em explicar ou conceituar estas distintas formas de conhecimento humano pela maneira como são produzidas e o quanto se usa de racionalidade. Então se diz que entender ou explicar algum evento da natureza como, por exemplo, as chuvas, por meio do senso comum, tem a ver com a repetição de algumas características dadas pela experiência prática que percebe que há uma associação entre nuvens escuras acumulada e chuvas em seguida, logo a se deduz que a explicação é dada pela experiência sensível com o uso quase zero da racionalidade.

Se lançarmos o mito como forma explicativa para o evento das chuvas pode-se dizer que Tupã (denominação tupi do trovão, usada pelos missionários jesuítas para designar a Deus Tupã) está furioso ou contente, muitas vezes dependendo da quantidade de chuva, com as obras dos homens, logo também se diz que a racionalidade foi pouco utilizada e ouve um predomínio da imaginação

No entanto se a explicação for dada pela filosofia já se exige da racionalidade um grau maior de abstração, usando o método da lógica indutiva (que parte do geral para o particular), como por exemplo: “todos os homens são mortais, Sócrates é homem, logo Sócrates é mortal”. Neste caso a racionalidade foi usada, mas de maneira diferente.

Se for a ciência a dar explicações sobre os fenômenos, esta usará o método dedutivo (aquele que parte do particular para o geral), com o uso de experimentos e laboratórios onde o extremo controle, pelo método experimental, do que é investigado é condição essencial para alcançar resultados fidedignos e “cientificamente comprovados”.

Agora se perguntamos: o que estas quatro formas de conhecimento têm em comum? A referência mais comumente usada como padrão de comparação entre

elas, é o grau de racionalidade usado, geralmente em forma crescente: do senso comum à ciência, ou seja, a ciência usa mais da racionalidade do que o senso comum. Isso é um equívoco porque todas as formas apresentadas necessitam da racionalidade como forma explicativa, então parece haver uma confusão entre racionalidade e racionalismo o que veremos com mais detalhes na Subunidade II.

Vamos agora nos dedicar a desmistificar essa hierarquia entre as formas do conhecimento baseada no menor ou maior grau de uso da racionalidade. Tomemos por exemplo uma criança pequena que goste de ouvir estorinhas num pequeno equipamento de som, e crianças, você sabe, sempre gostam de mudar constantemente de um lugar para outro, curtindo suas brincadeiras. Imagine que ela, por levar o seu pequeno “som” pra lá e pra cá adquiriu a prática de desligar o aparelho puxando pelo cabo de energia. A mãe observadora, com a boa intenção de educar a criança, lhe pergunta: Fulaninho porque você desliga seu “som” desta maneira? Você vai estragá-lo! Ao que a criança responde: - porque sempre que eu desligo pela tomada ele faz TAMMMMMM em mim!! O que podemos deduzir deste exemplo? Descreva suas impressões:

Agora vamos lançar mão de fragmentos de textos de Rubens Alves para discutir senso comum e ciência como formas do conhecimento humano.

O Senso Comum e a Ciência

O que é que as pessoas comuns pensam quando as palavras ciência ou cientista são mencionadas? [...] As imagens mais comuns são as seguintes:

- O gênio louco que inventa coisas fantásticas;

- O tipo excêntrico, ex-cêntrico, fora do centro, manso, distraído;
- O indivíduo que pensa o tempo todo sobre fórmulas incompreensíveis ao comum dos mortais;
- Alguém que fala com autoridade, que sabe sobre o que está falando, a quem os outros devem ouvir e... obedecer.

Veja as imagens da ciência e do cientista que aparecem na televisão. Os agentes de propagandas não são bobos. Se eles usam tais imagens é porque eles sabem que elas são eficientes para desencadear decisões e comportamentos. É o que foi dito antes: cientista tem autoridade, sabe sobre o que está falando e os outros devem ouvi-lo e obedecê-lo. [...] E os laboratórios, microscópios e cientistas de aventais imaculadamente brancos enchem os olhos e a cabeça dos telespectadores. E há cientistas que anunciam pasta de dente, remédios para caspa, varizes e assim por diante.

O cientista virou um mito. E todo mito é perigoso, porque ele induz o comportamento e inibe o pensamento. Este é um dos resultados engraçados (e trágicos) da ciência. Se existe uma classe especializada em pensar de maneira correta (os cientistas), os outros indivíduos são liberados da obrigação de pensar e podem simplesmente fazer os que os cientistas mandam. [...] Afinal de contas, para que seve a nossa cabeça? Ainda podemos pensar? Adianta pensar? [...].

Antes de mais nada é necessário acabar com o mito de que o cientista é uma pessoa que pensa melhor do que as outras. O fato de uma pessoa ser muito boa para jogar xadrez não significa que ela seja mais inteligente do que os não jogadores. [...].

Cientistas são como pianistas que resolveram especializar-se numa técnica só. Imagine que as várias divisões da ciência – física, química, biologia, psicologia, sociologia – como técnicas especializadas. [...] O que desejo que você entenda é o seguinte: a ciência é uma especialização, um refinamento de potenciais comuns a todos. Quem usa um telescópio ou um microscópio vê coisas que não puderam ser vistas a olho nu. Mas eles nada mais são que extensões do olho. Não são órgãos novos. São melhoramentos na capacidade de ver, comum a quase todas as pessoas. Um instrumento que fosse a melhoria de um sentido que não temos seria totalmente inútil, da mesma forma que telescópios e microscópios são inúteis para cegos, e pianos e violinos são inúteis para surdos.

A ciência não é um órgão novo de conhecimento. A ciência é a hipertrofia de capacidades que todos têm. Isto pode ser bom, mas pode ser muito perigoso. Quanto maior a visão em profundidade, menor a visão em extensão. A tendência da especialização é conhecer cada vez mais de cada vez menos.

A aprendizagem da ciência é um processo de desenvolvimento progressivo do senso comum. Só podemos ensinar e aprender partindo do senso comum de que o aprendiz dispõe. [...].

Ela é uma dona de casa. Pega o dinheiro e vai à feira. Não se formou em coisa alguma. Quando tem de preencher formulários, diante da informação “profissão” ela coloca “prendas domésticas” ou “do lar”. Uma pessoa como milhares de outras. Vamos pensar em como ela funciona, lá na feira, de barraca em barraca. Seu senso comum trabalha como problemas econômicos: como adequar os recursos de que dispõe, em dinheiro, às necessidades de sua família, em comida.



E para isto ela tem de processar uma série de informações. Os alimentos oferecidos são classificados em indispensáveis, desejáveis e supérfluos. Os preços são comparados. A estação dos produtos é verificada: produtos fora de estação são mais caros. Seu senso econômico, por sua vez, está acoplado a outras ciências. Ciências humanas, por exemplo. Ela sabe que alimentos não são apenas alimentos. Sem nunca haver lido Veblen ou Lévi-Strauss, ela sabe do valor simbólico dos alimentos. Uma refeição é uma dádiva da dona-de-casa, um presente. Com a refeição ela diz algo. Oferecer chouriço para um marido de religião adventista, ou feijoada para a sogra que têm úlcera, é romper claramente com uma política de coexistência pacífica. A escolha de alimentos, assim, não é regulada apenas por fatores econômicos, mas por fatores simbólicos, sociais e políticos. Além disto, a economia e a política devem fazer lugar para o estético: o gostoso, o cheiroso, o bonito. E para o dietético: Assim, ela ajunta o bom para comprar, com o bom para dar, com o bom para ver, cheirar e comer, com o bom para viver. É senso comum? É. A dona-de-casa não trabalha com aqueles instrumentos que a ciência definiu como científicos. É comportamento ingênuo, simplista, pouco inteligente? De forma

nenhuma. Sem o saber, ela se comporta como uma pianista, em oposição ao especialista em trinados. É provável que uma mulher formada em dietética, e em decorrência de sua (de) formação, em breve se veja frente a problemas na casa, em virtude de sua ignorância do caráter simbólico e político da comida. Especialista em trinados.

O que é o senso comum? Prefiro não definir. Talvez simplesmente dizer que senso comum é aquilo que não é ciência. [...] E a ciência? Não é uma forma de conhecimento diferente do senso comum. Não é um novo órgão. Apenas uma especialização de certos órgãos e um controle disciplinar de seu uso. [...]. Como funciona o senso comum? Se a gente compreender o senso comum poderá entender a ciência com mais facilidade. E nada melhor para se entender o senso comum que brincar com alguns problemas.

[...]

Resolva os três exercícios abaixo propostos por Rubens Alves, antes de continuar a leitura.

Você está guiando um automóvel e repentinamente ela pára. Em último caso você terá que chamar um mecânico. Mas o que nos interessa é saber como funcionaria o seu senso comum. O que você faria com as mãos e com o cérebro? Que pensamentos orientariam as suas mãos? Descreva o seu raciocínio em uma folha de papel.

Imaginemos um experimento. Coloco à sua frente um monte de peças de um quebra-cabeça. Sua tarefa: arma-lo. Mas há um pequeno problema: não lhe dou o modelo. Como é que você procederia para realizar a tarefa? [...]

O que têm todas estas situações a ver com a ciência? Muito. Estamos fazendo um jogo. Estou tentando demonstrar que o quebra cabeças do senso-comum é muito semelhante ao quebra-cabeça da ciência. Vamos então tentar entender a atividade científica a partir daquilo que nós e outras pessoas fazemos o dia todo. Fazer ciência em muito se assemelha a cozinhar, a andar de bicicleta, a brincar, a jogar e adivinhar. A ciência nasceu de atividades como estas. [...] Ser bom em ciência e no senso comum é ser capaz de inventar soluções. [...]

Pessoas que aprendem a inventar soluções novas são aquelas que abrem portas até então fechadas e descobrem novas trilhas. A questão não é saber uma solução já dada, mas ser capaz de aprender maneiras novas de sobreviver.

[...]

Note algo curioso. É o defeito que faz a gente pensar. Se o carro não tivesse parado, você teria continuado sua viagem calmamente, ouvindo música, sem sequer pensar que automóveis têm motores. O que não é problemático não é pensado. [...] A gente pensa porque as coisas não vão bem – alguma coisa incomoda. Quando tudo vai bem, a gente não pensa, mas simplesmente goza e usufrui...

Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência. [...] Qual é problema? O carro parou. Você deve descobrir o que está errado. Mas o que é isso?

Você sabe que o automóvel, tal como foi planejado, é uma máquina ideal que funciona perfeitamente. Antes de ser transformada em peças, engrenagens, tubos, parafusos, ela foi construída idealmente, na imaginação, por pessoas que foram capazes de simular o real. Esta é a grande função e o poder mágico do pensamento: ele pode simular o real, antes que as coisas aconteçam. Acontece que neste modelo ideal do automóvel não há defeitos. Os defeitos aparecem quando a máquina real se desvia do plano ideal. Ora o seu problema é fazer com que o carro ande novamente, isto é, fazer com que ele funcione conforme foi idealmente planejado. Isso significa que você só pode resolver o problema se for capaz de reconstruir, idealmente, o plano da máquina. [...]

Exemplo

Esta apresentação em PowerPoint é uma ilustração de como a linguagem da ciência que exige a extrema racionalidade, como sinônimo de verdade, vem se impondo ao mundo, sobretudo às pessoas.

A mensagem realça a idéia de Rubem Alves sobre a mentalidade que separa a explicação dada pelo senso comum daquela própria da linguagem da ciência.

Ambos, senso comum e ciência, fazem parte da mesma saga humana que busca resolver problemas cada um a sua maneira como esclarece Buzzi (1972:103) "O senso comum não se opõe à filosofia nem à ciência, nem à religião. Ele se antecipa e orienta o modo de fazer filosofia, pesquisar ciência e praticar a fé".

Como é que você procedeu [nos exercícios propostos anteriormente]?

- Em primeiro lugar você tomou consciência do problema. Começou a pensar.
- Em segundo lugar construiu um modelo ideal da máquina. Note que os bons mecânicos fazem isso automaticamente, sem pensar. Todos fazemos o mesmo, em áreas que dominamos. Quando alguém diz “nós vai”, sentimos logo um arrepio. Por quê? Por que esta maneira de falar contraria o modelo ideal da linguagem que está presente, de forma inconsciente, em nossas mentes, mesmo que não tenhamos estudado gramática. Este modelo ideal é plano geral da coisa.
- Em terceiro lugar você elaborou hipóteses sobre o defeito. Hipóteses são simulações ideais das possíveis causas do enguiço do motor.
- Finalmente você testou as suas hipóteses. Por meio deste procedimento você descobrirá quem é o criminoso, qual a causa do defeito.

Este é o caminho que normalmente seguimos na ciência. [...] O que é que chamou sua atenção? Não terá sido a presença de ordem, em meio a milhares de outras possibilidades de desordem? A ordem sempre fascinou os homens. Por que é que as estações se sucedem sempre numa mesma ordem e regularidade constante? Por que é que as estrelas giram permanentemente? Por que é que certas migram em momentos preciosos? Por que é que determinadas causas produzem sempre efeitos determinados e previsíveis? A ordem permite que se façam previsões. [...] Este espanto perante a ordem é a primeira inspiração da ciência. Quando um cientista enuncia uma lei ou uma teoria, ele está contando como se processa a ordem, está oferecendo um modelo da ordem. Agora ele poderá prever como a natureza vai se comportar no futuro. É isso que significa testar uma teoria: ver se, no futuro, ela se comporta da forma como o modelo previu.

E o quebra-cabeças? Como procedemos? Partimos de um pressuposto: deve haver uma ordem no quebra-cabeças. Ele deve formar um padrão conhecido: paisagem, mapa, texto, rostos. Basta dar uma olhadela nas peças para você fazer uma hipótese (palpite) acerca do modelo. Letras? Texto? [...] Cores variadas? [...] Procedemos de forma ordenada porque pressupomos que haja ordem. Sem ordem não há problema a se resolvido.

Porque o problema é exatamente construir uma ordem ainda invisível de uma

desordem visível e imediata.

O senso comum e a ciência são expressões da mesma necessidade básica, a necessidade de compreender o mundo, a fim de viver melhor e sobreviver. E para aqueles que teriam a tendência de achar que o senso comum é inferior à ciência, eu só gostaria de lembrar que, por dezenas de milhares de anos, os homens sobreviveram sem coisa alguma que se assemelhasse à nossa ciência. A ciência, curiosamente, depois de cerca de 4 séculos, desde que ele surgiu com seus fundadores, está colocando sérias ameaças à nossa sobrevivência.

ALVES, Rubem. O senso comum e a ciência (I e II). IN: Filosofia da ciência – introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 10-34.

Proponho agora, como exercício, que você junto com seus colegas, assista ao filme homônimo da obra de Humberto Eco “O nome da Rosa”. A obra tem como tema central a liberdade de estudo e de ensino, a livre circulação do conhecimento e o dogmatismo religioso, que encarava o conhecimento como potencialmente perigoso. O Nome da rosa [The name of the rose]. EUA: Constantin Film Produktion GmbH e Warner Bros, 131 min., 2004. DVD.



O objetivo do exercício é associar o texto de Rubem Alves ao filme, analisar e refletir sobre o conteúdo tanto no texto como no filme e responder:

1. Qual o problema apresentado?

2. Quais as formas propostas para resolvê-lo?

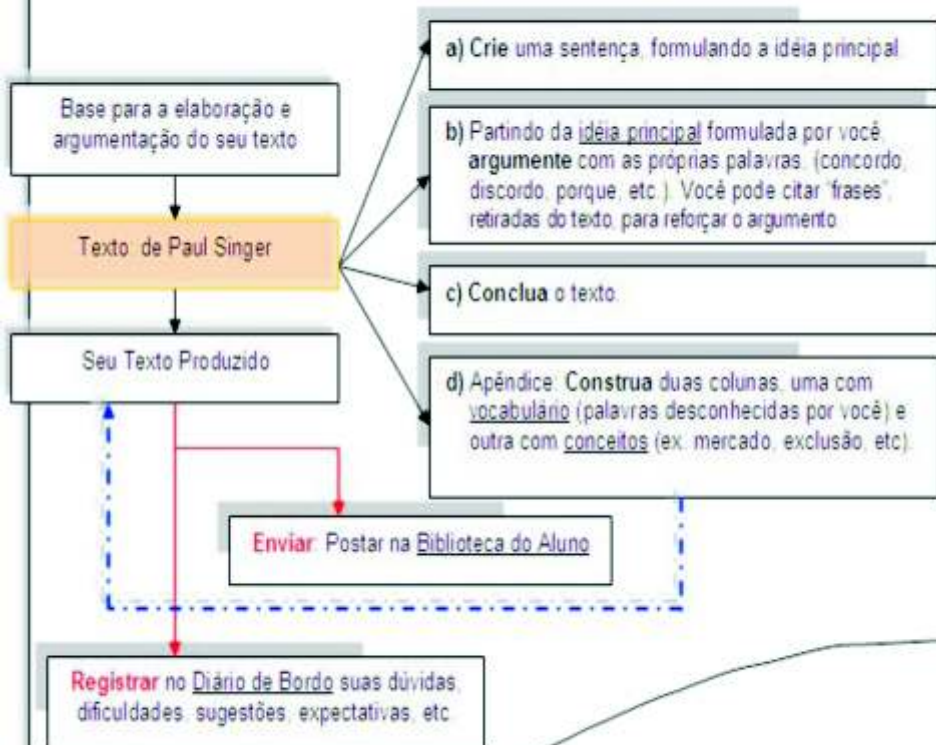
3. Qual o método adotado por cada proposta de solução?

Agora que você amadureceu a compreensão sobre os conceitos de senso comum, mito e ciência, vamos ler o nosso Texto Base e fazer o exercício proposto:

Texto Base: BUZZI, A. R. A ciência. IN: Introdução ao pensar – O ser. O conhecimento, a linguagem. Ed. Vozes, Petrópolis, 1985, 14a. ed., p. 109-128.



Tarefa – Elaborar um texto (síntese). Já leu o texto de Singer? Agora vamos fazer o exercício para fixar o conteúdo e desenvolver sua capacidade de síntese.



Para saber mais sobre a ciência moderna:

Livros & Artigos

DEUS, Jorge D. de. Introdução. IN: A crítica da ciência – sociologia e ideologia da ciência. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. p. 11-34.

VIANNA, Alexander M. Novo moderno prometeu: o espelho de Victor Frankenstein (parte I) Revista Espaço Acadêmico, 2003, 26 – Jul./2003.

_____. Novo moderno prometeu: o espelho de Victor Frankenstein (parte II) Revista Espaço Acadêmico, 2003, 28 – Set./2003.

SANTOS. Boaventura de S. Introdução a Uma Ciência Pós-Moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

Links

VOGR, Carlos. Clones, utopias e ficção. Disponível em <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=29&id=332> Acesso em 8 de jan. 2008

LEITE Jr. Jorge. O que é um monstro? Disponível em <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=29&id=340> Acesso em 8 jan. 2008.

REPORTAGEM. Ciência e religião, discursos nem sempre conflitantes Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/07.shtml> Acesso em 8 de jan. 2008.

PAIVA, Geraldo J. Ciência e religião. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/09.shtml> Acesso em 8 jan. 2008.

REPORTAGEM. Ciência e ficção: o futuro antecipado. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/2004/10/04.shtml> Acesso em 8 jan. 2008.

Como você deve ter constatado não existe uma hierarquia de valor intrínseca a própria forma do conhecimento que os distinga como superior ou inferior, eles si completam e representam diferentes formas do homem responder a diversos problemas surgidos no seu caminhar para a civilização. Porém, a forma como os grupos humanos se apropriam deste conhecimento e os fins de uso por eles adotados está condicionado pelas relações sociais e de poder em diferentes sociedade e momentos históricos. Por que então temos a impressão que um conhecimento traduz mais a verdade do que outro?

O conhecimento sempre vai representar uma forma de poder para quem o possui. O conhecimento dominante varia em diferentes épocas, lugares e culturas e representa uma das formas de manutenção do poder, seja sobre pessoas, grupos, instituições etc. Logo, temos que discutir como o conhecimento está associado a formas de poder.

Em decorrência dessa associação entre conhecimento e poder é muito comum às pessoas se referirem ao conhecimento científico como aquele que é o portador da verdade. No entanto quantas vezes a gente vê de uma hora para outra as notícias sobre as descobertas científicas mudarem “da água para o vinho” e vice versa?

Por exemplo, notícias veiculadas na mídia, falando sobre o café. Geralmente começa assim: estudos científicos comprovam que o café é benéfico para a saúde e na outra semana... cientistas da Universidade de Harvard descobrem que o café prejudica o sistema nervoso humano, e no outro mês... os cientistas de Universidade de Stanford atestam cientificamente que o café tomado em pequenas doses promove a saúde cardíaca. Durma-se com um barulho desse ou seria com um café desse?

É importante destacar com exemplo anterior que a refutabilidade é própria da natureza do conhecimento científico e, necessária a seu desenvolvimento, senão não seria ciência. O que devemos considerar, neste caso, é a imanência do conhecimento científico a vontade humana, aos interesses econômicos próprios da relação de poder.

“A irrefutabilidade não é uma virtude para uma teoria científica (como geralmente as pessoas pensam), mas um vício”
[Conjectures and Refutations, Oxford 1972, p. 36-37.
Cpud Buzzi (1972:117)]

Note ainda que as palavras comprovam, descobrem e atestam são próprias do linguajar da ciência. Também observe que é há referência feita à autoridade de estudos científicos e/ ou a centros de pesquisa de renome mundial como as universidades de Harvard e Stanford. Assim, cada forma de conhecimento possui o seu palco, ritos, indumentárias, ferramentas que lhe confere autoridade, por força do domínio do conhecimento, diante de outras formas de poder.

A partir do século XVII, começa a se desenhar os caminhos que consolidaram a ciência moderna como forma de conhecimento dominante, deixando para trás o denominado mito e senso comum. Vamos agora assistir outro filme que ilustra metaforicamente as condições históricas e materiais que permitiram a passagem da explicação de mundo teocêntrica para a explicação geocêntrica.

Frankenstein de Mary Shelley. EUA: Tristar Pictures, 123 min., 2004. DVD.



Diante da mensagem do filme é importante assumir uma atitude de leitura crítica, considerando aqueles elementos ligados ao fazer ciência, os limites da prática científica e aos valores envolvidos nesta prática. Como exercício de interpretação, tomando como base o que vimos até agora, interprete este o diálogo do filme que acontece entre a criatura e o criador em uma geleira e registre em seu caderno:

Criatura: Levante-se!

Dr. Victor Frankeinstein: Sabe falar?

Criatura: Sim, falo, leio e penso (...). Você me deu movimentos, mas não me ensinou a usá-los (...) Por quê? Eu tenho uma alma? Ou você se esqueceu desta parte? Quem eram estas pessoas, que me formaram? Pessoas boas? Pessoas más?

Dr. Victor Frankeinstein: Matéria-prima, nada mais.

Criatura: Engano seu. Alguma vez ponderou as conseqüências de seus atos? Você me deu vida, mas depois me abandonou para morrer. Quem eu sou?

Ainda para aprofundar o conhecimento sobre as condições do surgimento da ciência moderna, você fará um exercício onde estabelecerá a correlação entre dois diálogos: um diálogo referente ao filme “O nome da Rosa” e outro ao filme “Frankenstein de Mary Shelley”. Os diálogos para a análise estão dispostos logo a seguir:

“O Nome da Rosa”

(Discurso do Venerável Jorge aos monges do mosteiro antes dos “hereges” queimarem)

Quando as piras forem acesas esta noite, que as chamas purifiquem cada um de nossos corações.

Voltemos ao que foi e sempre deverá ser o ofício desta abadia: conservação do conhecimento.

Conservação eu falei e não a busca.

Pois não há progresso na história do conhecimento.

Somente uma contínua e sublime recapitulação...

“Frankenstein de Mary Shelley”

(Funeral do Dr. Victor Frankenstein)

A meu conhecimento à sabedoria, à loucura e à tolice...

Mas percebi que isso é também vento que passa.

Porque no acúmulo da sabedoria, acumula-se tristeza e quem aumenta a ciência, aumenta a dor.

Deus fará prestar conta de tudo o que está oculto, todo ato seja ele bom ou mau.

De acordo com a orientação didática adotada para as SUBUNIDADE vamos indicar, a seguir, três questões para você discutir no chat com seus colegas.



1. Tomando como base o filme “Frankenstein de Mary Shelley” discuta: Existem limites para o avanço do conhecimento científico?
2. Comente a afirmação de Buzzi: “A ciência não surge do contato sensível com a realidade material” (BUZZI, 109).
3. O que a ciência tem a ver com desigualdade social?

Livros & Artigos

BUZZI, A. R. Introdução ao pensar – O ser. O conhecimento, a linguagem. Ed. Vozes, Petrópolis, 1985, 14ª ed., p. 109 – 128.

_____. A ciência. IN: Introdução ao pensar – O ser. O conhecimento, a linguagem. Ed. Vozes, Petrópolis, 1985, 14ª ed., p. 109 – 128.

ALVES, Rubem. Filosofia da ciência – introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1981.

TIRABOSCHI, Juliana, MENAI, Tânia & AQUINO, Guilherme. Religião X Ciência. Revista Galileu, 2005, 171, 28-41.

BROWN, D. Capítulo 94. IN: Anjos e demônios. São Paulo: Sextante. 2006, p. 314-318.

SILVA, Fabrício F. da. & LAIA, Fernanda G. Um estudo comparado de “Frankenstein” e “Os miseráveis: questão social e liberalismo no século XIX.

WIZIACK, Julio. A ciência sob pressão. Revista Isto É, 2007, 1946, 74-75.

Para melhor consolidar o seu conhecimento, acesse a Biblioteca do Curso.

Após as leituras formule uma questão a ser apresentada e debatida no fórum.

CONCLUSÃO

Nesta subunidade procuramos abordar as distintas formas de apresentação do conhecimento humano, situando no contexto histórico a relação da ciência com o senso comum e sua consolidação como conhecimento hegemônico na sociedade moderna. Defendemos o conceito de que as formas de conhecimento desenvolvidas pelo homem no processo civilizatório são formas distintas de responder aos problemas que historicamente as sociedades enfrentaram e que apropriadas por grupos humanos específicos criaram fortaleceram formas de poder criando uma hierarquia entre elas.

SUBUNIDADE II - O surgimento da sociedade industrial

Até agora já cumprimos, em parte, a proposta de trabalho prevista para a Unidade II, quando na Subunidade I abordamos as condições históricas e sociais que propiciaram o surgimento da ciência moderna, mas nossos estudos estariam incompletos se não tratarmos do também do palco de grandes transformações materiais, econômicas e sócio-políticas que favoreceram e determinaram o aparecimento desta ciência moderna: a sociedade industrial. Ciência moderna e sociedade industrial são fatores muito importantes para a definição da desigualdade como uma questão social.

Nosso objetivos agora é apresentar as relações que se estabelecem entre ciência moderna, sociedade industrial e desigualdade social. Parte deste assunto já foi tratado na Subunidade anterior, porque é impossível falar de ciência sem tratar das condições sócio-históricas em que esta surgiu e isso implica falar também dos fatores que configuraram a sociedade industrial, de característica moderna e urbana, bem diferente da sociedade medieval.

É a sociedade industrial, na leitura sociológica, o elo entre desigualdade e questão social, aqui vamos refletir sobre a questão: Como e quando a desigualdade social se torna questão social, envolvendo estudos, a ciência, o Estado, a ação política? Mas, afinal de contas o que é mesmo a questão social?

Vamos recorrer a obras de referência para descobrir. Encontre conceitos sobre Questão Social em três delas, escreva o nome de cada obra no retângulo e o conceito no espaço logo abaixo.

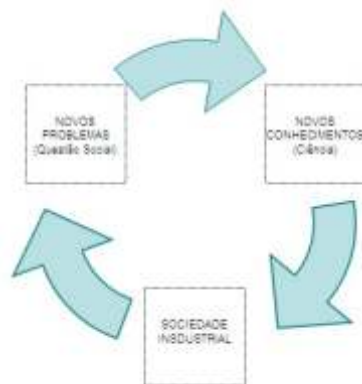
1.

2.

3.

Agora eu lhe pergunto: você está lembrado do como Rubem Alves trata a relação: problema – pensamento – senso comum – ciência? Pois bem, este é o nosso vínculo principal para explicar a relação existente entre conhecimento científico – sociedade industrial – questão social.

Aparentemente a equação é simples: Revolução Industrial e Revolução Francesa como marcos históricos para grandes mudanças de ordem material e política na sociedade do século XVII e XVIII, mudanças apoiadas em novas tecnologias advindas de novos conhecimentos (ciência) que provocaram transformações no modo das sociedades daquela época produzirem e conseqüentemente geraram problemas novos (questão social) que até então eram desconhecidos (tipo e proporções) demandaram nova ordem social e política (sociedade industrial) na qual a velha ordem feudal não mais se encaixava.



Vamos retomar a o exemplo que Rubem Alves dá sobre o automóvel, ele afirma “... É o defeito que faz a gente pensar. Se o carro não tivesse parado, você teria continuado sua viagem calmamente, ouvindo música, sem sequer pensar que automóveis tem motores. O que não é problemático não é pensado” (1981:23), esse é o princípio lógico da pesquisa.

Imagine agora esta situação em termos de sociedade em transformação, saindo de uma produção econômica do tipo feudal para outra do tipo industrial, saindo do artesanato e manufatura para a produção em larga escala. Isso gerou uma série de problemas que passaram a incomodar os pensadores da época e... “é o defeito que faz a gente pensar”, assim surge a necessidade de explicar aqueles

novos problemas de uma nova forma... “o que não é problemático não é pensado”, surge a ciência.

Agora, vamos ler o nosso Texto Base para aprofundar a compreensão entre ciência – sociedade industrial - questão social, e fazer o exercício proposto. O texto escolhido, de Edmundo Dias e Anna Maria de Castro, é interessante porque está construído com fragmentos das obras de referência em sociologia que compõem um todo coeso e fornece uma leitura consistente.

Texto Base: Castro, Anna M. de & Dias, Edmundo F. Contexto histórico do aparecimento da sociologia. Rio de Janeiro: Eldorado, 1976. p. 13-19.

Após a leitura do texto base responda as seguintes questões:

1. Quais os fatores que possibilitaram a realização da Revolução Industrial?
2. Por que o autor considera que a Revolução Industrial e a Revolução Francesa são “as duas faces da mesma moeda”?
3. Extraia do texto, uma citação textual que ilustre a questão social.

4. A partir do texto base construa um conceito seu para sociedade industrial.

5. Faça uma relação entre o conceito de sociedade industrial criado por você e a questão social.

O queremos destacar mesmo nesta Subunidade é abordar, determinadas características sociais próprias da sociedade industrial, que são resultados do processo de industrialização, que passam a chamar a atenção dos pensadores e intelectuais da época se constituindo em um problema e por conseqüência, objeto de investigação e ação social: a questão social.

É importante salientar que todo o processo de mudança gera crises. Mas, essas crises podem ser conseqüências de mudanças mais profunda, quando provocam alterações nas estruturas, ou podem ser conseqüências de mudanças mais superficiais, quando são apenas cosméticas.

Vamos exemplificar estes tipos de mudanças. Você tem filhos adolescentes? Pois bem, o adolescente é uma pessoa que está passando, biologicamente, por mudanças do nível estrutural, ou seja, o seu corpo organicamente está amadurecendo e deixando de ser um corpo infantil para ser um corpo adulto. Já no caso de uma pessoa que, insatisfeita com o desenho do seu rosto, faz uma rinoplastia (plástica do nariz), podemos dizer que passou por uma mudança do tipo superficial ou cosmética, não gera alterações profundas. Em ambos os casos de mudança geram crises.

Assim, podemos mudar de duas maneiras: alterando estruturas (transformação), ou através de mudança superficial ou cosmética (reformas), e, dependendo do tipo de mudança, se é uma transformação ou reforma, poderá haver

uma crise maior ou menor.

Da mesma forma, quando se fala da Revolução Industrial se está falando em mudança como transformação na estrutura da sociedade medieval. Portanto, a passagem da sociedade feudal para a sociedade industrial é provocada por uma mudança do tipo estrutural, ou seja, transformação de ordem material na forma como os homens, através do trabalho, produzem as riquezas e se apropriam do fruto do trabalho. A mudança estrutural, por sua vez, desencadeia uma série de mudanças em outras áreas que, na verdade são seus reflexos.

A tendência da mudança do tipo estrutural é gerar uma crise de grande impacto, com efeito, a mudança do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista gera uma crise sem precedentes históricos que se reflete nas relações sociais, nas formas de exercer o poder (política) e na visão de mundo explicativa (ideológica) da sociedade industrial.

Para melhor compreender a crise de grande impacto gerada pela mudança da sociedade feudal para a sociedade industrial vamos apresentar um fragmento do texto, “Uma história que pouco muda”, apresentada pelo historiador Paulo Miceli, sendo fiel à narrativa de outro historiador, Fernand Braudel.

Famintos e doentes

No campo, a vida era feita de rotinas muito antigas, repetidas séculos após séculos e transmitidas na lenta sucessão das gerações. Antigos eram os hábitos e processos para plantar e cuidar dos vegetais. Antigos eram os procedimentos para domesticar animais. Antigos eram os poucos e precários instrumentos usados para aumentar ou substituir a força de trabalho humana: moinhos de água e vento, manivelas, sarilhos... Antigos eram também – e principalmente – os resultados insuficientes que a agricultura produzia em relação ao número de bocas que deveriam ser alimentadas.

A alimentação das pessoas dependia quase que exclusivamente dos vegetais, principalmente dos grãos: trigo, em primeiro lugar, depois a cevada, a

aveia, o centeio e mesmo o arroz. Com tudo isso faziam-se papas e sopas grosseiras, além de pães insuportavelmente duros e pesados, guardados durante meses. O pão branco, privilégio dos ricos, só era acessível a não mais do que 3% das pessoas. Quanto à carne, raríssima eram as mesas em que ela fazia suas aparições.

Esse vegetarianismo forçado era devido também ao elevado preço dos outros alimentos: em relação aos cereais, o ovo custava 6 vezes mais, a carne 11 vezes, o peixe fresco de mar, 65, e assim por diante...

O cultivo dos cereais, principalmente o trigo, dependia diretamente do adubo. Isso incentivava a criação de animais que também eram utilizados para auxiliar nos trabalhos de preparação do solo. Com isso, os rebanhos cresciam, mas a carne para consumo humano só pôde ser disponível muito depois, graças a uma criação científica e à chegada de carnes da América, um lugar muito distante.

Distante de onde? De que lugar estamos falando? E a época?

Essa descrição se aplicaria a muitas regiões, mas nossa história vai se desenrolar num cenário específico: a Inglaterra do século XVII a França do século XVIII, muito embora, às vezes, a narrativa deva avançar ou recuar um pouco, ignorando esses limites. Aliás, antes de entrarmos nas particularidades de cada um desses países, indicamos o que era comum à imensa maioria dos homens daqueles tempos, independente do lugar do mundo onde vivessem. A primeira semelhança consiste na predominância de uma vida agrícola, à qual se dedicavam entre 80 a 95% da população mundial.

Apesar de quase todos trabalharem no campo, o alimento era escasso e bastante caro, o que submetia as pessoas à fome constante, que – não poupando campos e cidades – fazia das poucas pessoas ricas as exceções alimentadas em meio a um mundo de privações. A França, por exemplo, país privilegiado em relação ao resto da Europa, sofreu, somente no século XVII, fomes gerais, conhecendo outras 16 no século seguinte. Tudo isso sem contar as sucessivas fomes locais que atingiram o país, sem coincidir com as fomes nacionais.

Enquanto as cidades, embora também fossem alcançadas, dispunham de armazéns onde guardavam suas reservas, o campo era atingido mais duramente.

Aos camponeses não restava outra alternativa senão abandonar as terras e, como rebanhos humanos, rumar para as cidades. Aí, quando não eram simplesmente expulsos, amontoavam-se nos cantos, mendigavam pelas ruas ou morriam em praças públicas, desenhando com sua dor o triste quadro da fome coletiva.

Já a partir do século XVI esses pobres transformaram-se em problema público, e, no século seguinte, uma série de medidas foram sendo tomadas para impedir que pudessem “fazer mal”: os doentes e inválidos eram conduzidos aos hospitais, enquanto os válidos, acorrentados dois a dois, faziam limpezas de esgoto ou, mais tarde, eram submetidos ao trabalho forçado nas semiprisões chamadas “Casas de Trabalho”. Com isso – controlando-os até a morte – procurava-se reduzir os efeitos da multiplicação dos pobres e do crescimento da miséria.

Para “limpar” as cidades e os campos de seus pobres indesejáveis, a sociedade burguesa, que dava seus primeiros e decisivos passos, encontrou valiosa ajuda. Companheiras inseparáveis de corpos mal nutridos e desprotegidos, as doenças ajudaram a equilibrar o número de bocas e o alimento escasso, as ofertas de emprego e o número de braços para o trabalho. Todas às vezes em que as colheitas eram insuficientes, seguia-se um período de fome, vindo logo atrás as epidemias, dizimando pessoas e fazendo “cair de cansaço” os braços dos coveiros. Assim, a expectativa de vida mantinha-se em limites mínimos. Na metade do século XVII, em Beauvais, na França, mais de um terço das crianças morria antes de completar 1 ano de idade, apenas 58% das pessoas chegavam aos 15 anos e a esperança média de vida era pouco superior a 20 anos.

Na maior parte do mundo, era este o espetáculo que se oferecia aos olhos de quem dispusesse a enxergar as condições de vida a que estava submetida a imensa maioria da população, para quem as chances de sobrevivência reduziam-se mais e mais, colocando-se distantes e separadas de sua própria ação: não seria mais de seu trabalho nem condições imperiosas do clima que dependeriam suas vidas abreviadas, mas sim de um novo equilíbrio de forças sociais que se estava formando a sua frente.

Esse novo equilíbrio, entre outras coisas, foi responsável também pela violenta expulsão dos camponeses de suas terras, principalmente na Inglaterra, conforme se verá adiante. Naquelas terras, transformadas em pastos, foram criadas

ovelhas, cuja lã alimentava de matéria-prima e de lucros as primeiras indústrias têxteis inglesas.

MICELLI, Paulo. As revoluções burguesas. São Paulo: Atual, 1987. p. 5-7.

Com base neste fragmento da narrativa de Fernand Braudel desenvolva uma análise seguindo um roteiro de leitura crítico-descritiva:

Formado em História na Universidade de Sorbonne, começou sua carreira profissional na Argélia, onde permaneceu por dez anos, de 1923 até 1932. Na sua permanência lá, Braudel tem contato mais íntimo com o mar que inspirou um dos seu maiores trabalhos como estudioso da História: *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II*.

1. Que problema o historiador apresenta em sua narrativa? - Responda reforçando com citação textual sua resposta

2. A história narrada por Braudel retrata uma situação de crise social? Por quê?

3. Há possibilidade de comparação da realidade narrada por Braudel e o conceito de desigualdade social? De que forma?



De acordo com a orientação didática adotada para as SUBUNIDADE vamos apresentar, a seguir, uma questões para você discutir no chat com seus colegas.

Há elementos de comparação entre a desigualdade existente nos séculos XVII e XVIII e a desigualdade social que acontece hoje?

Consultar na Biblioteca do Curso:

Livros & Artigos

HOBBSAWM, Eric. J. A era das revoluções. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

DEUS, Jorge D. de. (Org.) A crítica da ciência – sociologia e ideologia da ciência. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

Para melhor consolidar o seu conhecimento, acesse a Biblioteca do Curso. Após as leituras formule uma questão a ser apresentada e debatida no fórum.

CONCLUSÃO

Nesta subunidade tratamos de demonstrar como as mudanças estruturais e históricas do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista, favorecida pelos novos conhecimentos, particularmente pela institucionalização do conhecimento científico, permitiram a reorganização econômica, social e política das sociedades ocidentais européias, gerando no seu percurso as crises sociais da sociedade industrial insurgente, ao mesmo tempo em que tornava estas crises objeto de atenção e estudo: a questão social.

ATIVIDADE FINAL DA UNIDADE I

Como foi proposto na metodologia de avaliação para todas as Unidades, realizaremos agora a Atividade Final da Unidade II, que corresponde a uma atividade avaliativa parcial do conteúdo discutido até aqui. O objetivo proposto para esta

Unidade é o parâmetro de conferência para checar os resultados.

Você lembra quais foram os objetivos que traçamos para avaliar o aproveitamento desta Unidade I? Vamos recapitular:

- ✓ Identificar as características e interrelações existentes nas formas de produção e apresentação do conhecimento humano;
- ✓ Discutir o surgimento e as características do conhecimento científico em relação às outras formas de conhecimento e como fruto do mundo moderno;
- ✓ Estabelecer a relação existente entre Revolução Industrial, sociedade industrial, ciência moderna e a desigualdade como questão social.

Esse é o momento que você pode demonstrar o grau de compreensão e aproveitamento que alcançou estudando e discutindo sobre a desigualdade social como questão social.

Como Atividade Final da Unidade II construa um texto, não muito longo (máximo duas laudas), respondendo a Questão Orientadora proposta para esta Unidade: Como surge a desigualdade como questão social?



Não esqueça de enviar seu texto ao tutor de sua turma para fins de avaliação

“O que a ciência social precisa é usar menos as técnicas complicadas e mais coragem de atacar os problemas fundamentais, ao invés de furtar-se a eles. Mas exigir isso é ignorar as razões sociais que fizeram da Ciência Social o que ela é.”

J. D. Bernal, cientista irlandês.

UNIDADE III - A interpretação sociológica dos fenômenos sociais

A essa altura da nossa disciplina você pode estar se perguntando: já entendi o que é a desigualdade nos dias de hoje, já entendi como ela teve sua natureza fortemente agravada a partir dos séculos XVII e XVIII com a mudança da sociedade feudal para a sociedade capitalista industrial, mas ainda não tenho uma definição clara do que é a sociologia ou o que esta estuda?

Realmente, este foi o nosso propósito, não iniciar por conceitos como por, exemplo os de sociedade, social, sociologia, objeto de estudo, ciência, etc. e sim oferecer a oportunidade, através das leituras das Unidades I e II, para você ampliar sua percepção de situações concretas que oferecessem pistas para a construção dos conceitos e teorias sobre a sociedade.

A sociologia tem essa particularidade que precisa ser tratada com sutileza. Por exemplo, se eu tivesse optado por trabalhá-la pela definição a priori de conceitos um deles seria o conceito de sociedade, que pode ser assim definido: “uma sociedade é um grupo de pessoas que vivem juntas durante um extenso período, ocupam um território e, eventualmente, começam a organizar-se em uma unidade social, diferente de outros grupos. [...]” (Cohen, 1980:18).

Muito bem, aí eu lhe pergunto o que este conceito quer dizer pr'a você? Ele é tão óbvio, por estarmos mergulhados no próprio objeto de estudo, a sociedade, que o conceito não quer dizer nada, não nos toca, não nos provoca o pensar. Mas se começarmos por situações concretas, variantes, diversas caóticas, como se apresenta a própria sociedade, os conceitos podem fazer sentido.

Assim, nesta UNIDADE III, vamos entrar finalmente na teoria sociológica propriamente dita, seus fundadores, autores, conceitos e teorias, tendo como fio condutor da apresentação a resposta dada pelo estudo sociológico a desigualdade social que, como já vimos nas unidades anteriores, é um problema gerado pelo funcionamento e existência dos homens vivendo em sociedades historicamente determinadas e que, apropriada pelo conhecimento científico, entra para o rol daquilo

que se passou a definir como “questão social”.

O nosso objetivo é oportunizar o conhecimento da teoria sociológica para que esta possa ser usada por você como um instrumento de análise da sociedade em que vivemos. Assim a Unidade III está dividida em duas Subunidades: Subunidade I: a sociologia como ciência; e Subunidade II: a organização social como um problema.

A problematização desta Unidade III terá como guia a seguinte Questão Orientadora: Como a interpretação sociológica responde a questão da desigualdade social?

Para desenvolver esta unidade, você ainda vai precisar:

- ✓ Ler o texto-base fornecido;
- ✓ Consultar obras de referência em busca de informação geral;
- ✓ Fazer algumas anotações no próprio material da UAB e fazer suas anotações pessoais em seu caderno;
- ✓ Responder a algumas perguntas;
- ✓ Fazer uma atividade final em forma de texto dissertativo;

Ao término desta unidade, você saberá que alcançou um bom aproveitamento se:

- ✓ For capaz de compreender a relação existente entre o nascimento da sociologia como ciência e a desigualdade social como questão social;
- ✓ For capaz de identificar como cada pensador seguindo uma orientação teórico - metodológica de estudo, respondeu a esta questão social;
- ✓ For capaz de se orientar teoricamente ao analisar os fenômenos que ocorrem na

Trocar idéias com outras pessoas amplia a nossa capacidade de compreensão e discussão do conteúdo estudado, logo é importante:

- ✓ Participar do fórum de debates e trocar idéias com seus colegas de curso;
- ✓ Encaminhar suas dúvidas ao tutor de sua turma, quando não conseguir sozinho (a) dar boas respostas para as perguntas apresentadas. O tutor encaminhará suas dúvidas ao professor orientador que irá ajudá-lo (a);
- ✓ Freqüentar constantemente o ambiente virtual do curso, para saber das novidades e do material complementar que será oferecido;
- ✓ Querer e buscar novos conhecimentos para além do que o curso lhe oferece.

Bom fim de trabalho!

SUBUNIDADE I - A sociologia como ciência

Gosto muito do tom jocoso e provocativo que Bárbara Freitag, socióloga brasileira, tratou sociólogos e a própria sociologia e a relação de poder que esta estabelece: sempre volta a um dilema de sua própria origem: nasce preocupada em resolver cientificamente a crise da sociedade moderna, portanto como ação e não como ciência.

O texto de Freitag é atual e nos dá uma dimensão da problemática da relação de poder entre a ação política e o fazer ciência na ordem dos problemas sociais no Brasil e no mundo; gostaria de começar esta Subunidade I com este texto:

A sociologia entre a crítica e a política

A sociologia é concebida como disciplina positiva que ao mesmo tempo defende o status quo e nega a sociedade existente

Bárbara Freitag

Quando Auguste Comte (1798-1857) situou a sociologia no topo da hierarquia das ciências, acreditou ter encontrado a rainha das ciências e a síntese do pensamento humanista e físico-matemático. Tratava-se de uma ciência capaz de explicar "cientificamente" a sociedade contemporânea, superando as limitações impostas ao pensamento humano pela teologia e a metafísica. Em verdade, a nova "ciência" nasceu cheia de ambigüidades e contradições, até hoje não superadas. Já o nome da disciplina é uma aberração, pois junta dois termos incompatíveis: "socius" e "logos", um de origem latina, o outro, de origem grega. O que poderia ser mero defeito de nomenclatura aponta para uma característica fundamental da sociologia, a de ser uma disciplina constantemente habitada pela tensão, pela coexistência de elementos contraditórios.

De início, a sociologia fora concebida como um "saber positivo", a ciência daquilo que "estava aí"; ao final de sua vida, na qualidade de místico, Comte fez da

sociologia uma religião praticada em templos positivistas. No Rio, ainda encontramos um templo (religioso) em que se cultua Comte como um profeta da religião positivista; em Paris, adeptos brasileiros desse culto erigiram dois bustos em sua homenagem no cemitério Père Lachaise.

Essa duplicidade simboliza a ambigüidade e contradição da própria disciplina. Não se trata apenas da oposição "ciência"- "religião", inaugurada por Comte. A sociologia é concebida como disciplina positiva que ao mesmo tempo defende o status quo e nega a sociedade existente, por suas imperfeições. Apavorado com a Revolução Francesa e o terror, Comte sonhou em poupar os parisienses de novas convulsões sociais, na época em que Marx analisava a luta de classes na França. Surgia assim uma segunda oposição: a sociologia positiva X a sociologia crítica.

Todas as sociedades contemporâneas têm representantes das duas vertentes. Na Alemanha, os positivistas chamaram-se Popper, Bayer, Schelsky, Luhmann, enquanto Horkheimer, Adorno e Habermas são representativos da teoria crítica da sociedade. Na França, Durkheim, Mauss e seus discípulos estão de um lado da cerca; Bourdieu, Establet, Althusser, do outro lado. Nos EUA, Merton, Parsons e Buckley como teóricos sistêmicos, sucessores dos positivistas franceses, enquanto Marcuse, Mc Carthy, Giroux, Mac Laren são os "críticos" modernos. No Brasil, a sociologia crítica foi representada, entre outros, por Florestan Fernandes, Otávio Ianni e Fernando Henrique Cardoso. Seus "opositores" da sociologia positivista têm em Gilberto Freyre o maior expoente. Poderíamos ampliar ainda mais a lista de países e sociólogos de um e outro campo. Contudo, é mais interessante chamar atenção para uma nova polaridade que vem se manifestando com nitidez cada vez maior neste final de milênio: o sociólogo crítico versus o sociólogo político. Os dois pólos podem ser ilustrados, grosso modo, por duas reuniões da SBPC, ambas realizadas na UnB em Brasília, uma em 1976, a outra em 2000. Na primeira, predominou em geral a corrente crítica. Enquanto alguns convidados de fora faziam uma espécie de "crônica da morte anunciada" da sociologia, lamentando que os estudantes dos seus países estivessem mais interessados no ocultismo e nas seitas, seus colegas brasileiros apregoavam a necessidade da luta implacável dos sociólogos contra o regime militar (1964-1985). Mordidos pelo vírus da crítica, os sociólogos e intelectuais marxistas brasileiros como Marilena Chaui, Fernando Henrique Cardoso, Arthur Giannotti, Otávio Ianni planejavam usar a sociologia como instrumento para mudar o regime, aumentando para isso o número de

departamentos e de matrículas. Para eles, portanto, a sociologia, como órgão da contestação, não estava agonizante, mas em plena ascensão. Na 52ª SBPC de 2000, recentemente encerrada, o quadro já havia mudado radicalmente. Boa parte dos sociólogos presentes na 28ª Reunião da SBPC se haviam instalado em instituições do governo. Ajudaram a derrubar os militares, foram eleitos para o Congresso (F. Fernandes, FHC, F. Weffort) e até mesmo para a Presidência da República. Aqueles sociólogos que não conseguiram ascender ao poder pelo voto tornaram-se assessores de governadores, prefeitos, vereadores, deputados, senadores eleitos pelo voto.

Os sociólogos não absorvidos pelo poder apressaram-se a recriar a "Sociedade Brasileira de Sociologia" (SBS) para escapar do julgamento depreciativo de serem meros "auleiros". Realizaram congressos anuais e participaram de congressos internacionais. Em suma, para falar em "sociologuês": a sociologia institucionalizou-se. Esse novo quadro refletiu-se na própria organização dos trabalhos da última SBPC. A Sociedade Brasileira de Sociologia convocou uma assembléia da categoria profissional do sociólogo e organizou simpósios sobre temas menos explosivos, como Ciência e Tecnologia, Sociabilidade Urbana e até mesmo sobre Gilberto Freyre, cujo centenário foi celebrado este ano. Enquanto isso, o presidente sociólogo, FHC, cercava-se de conselheiros de dentro e de fora do país. Visitaram-no, no Palácio da Alvorada ou em São Paulo, Alain Touraine, Manuel Castells, Anthony Giddens, entre outros. Touraine discutiu os movimentos sociais e sua legitimidade no interior da democracia; Castells defendeu as idéias de sua trilogia, A era informacional; Giddens advogou sua "Terceira Via". Todos reconheceram a predominância do Mercado e propuseram a necessidade de medidas políticas para mitigar suas patologias. Com isso confirmaram sua condição de assessores do "Príncipe". Essa escalada dos sociólogos ao poder não ficou restrita ao território brasileiro. Dahrendorf foi membro do Parlamento Europeu, ingressou na London School e foi agraciado com o título de lord pela rainha da Inglaterra. Habermas e Castells discursaram nas cortes de Espanha, Habermas e Bourdieu viajaram para a nova capital alemã para analisar a "República de Berlim" do chanceler Schröder; Giddens contribuiu para a vitória de Anthony Blair. O sociólogo-jurista brasileiro da Universidade de Harvard, Roberto Mangabeira Unger, colaborou para a vitória do novo presidente do México, Vicente Fox; e vai lutar pela candidatura de Ciro Gomes para a Presidência, em 2002. Entre sua morte anunciada e sua escalada ao poder, os sociólogos realizaram o que já estava prenunciado no nome,

"Comte", de seu pai-fundador: a palavra conde vem do latim comes, que significava, na origem, o conselheiro e o companheiro do monarca.

Bárbara Freitag, socióloga, é professora e pesquisadora da UnB. Disponível em http://www2.correioweb.com.br/cw/2000-07-23/mat_3115.htm Acesso em 8 jan. 2008.

Vamos recorrer à internet e a dicionários para encontrar definições de alguns termos e conceitos que aparecem no texto de Freitag.

1. Status Quo

2. Místico

3. "Saber positivo"

4. "Sociologuês"

Embora pareça provocação Freitag chama atenção para uma característica que é verdadeira na natureza da sociologia, como ciência – a contradição - e que vem não só do seu nome, mas também do seu nascimento: ter como pai-fundador Comte [“a palavra conde vem do latim comes, que significava, na origem, o conselheiro e o companheiro do monarca” Freitag, 2008], como parteira a sociedade industrial, com suas crises e conflitos, e ao mesmo tempo ter, como tarefa científica, que se debruçar sobre ela como objeto de estudo tendo o cuidado de não se envolver em sua defesa.

Já imaginou tal situação. Você, se colocando no lugar da sociologia, como se fosse possível semelhante coisa, se sentiria confortável em criticar duramente a aproximação do seu pai com poderes existentes na sociedade na qual você nasceu? Nutriria desafeto pela parteira que lhe trouxe ao mundo? Sentiu o drama? Bem, esta contradição de origem é um dos elementos mais ricos do processo de construção da sociologia como ciência, e nele vamos agora mergulhar.

Estou agora contando com a base teórica que você estudou nas Unidades I e II, principalmente os assuntos sobre desigualdade social e ciência.

Quando Buzzi trata da mecânica celeste, da mecânica industrial e da mecânica social, nesta mesma seqüência, ele está usando uma metáfora para explicar a origem e evolução da ciência moderna sua lógica de funcionamento e explicação de mundo.

Observe que, segundo este autor, a lógica adotada pela astronomia, primeira ciência moderna a se consolidar, é apropriada por outras formas de curiosidades humanas sobre a natureza, surgindo às chamadas ciências da natureza como a química, a física, a biologia e então, que impulsionaram fortemente o processo de industrialização.

Aconteceu então que os filósofos da época, muito curiosos também, comessem a se perguntar: se há leis e ordem na manifestação dos fenômenos celestes e da natureza que os torna passíveis de serem investigados cientificamente e conhecidos... deve haver uma lei ou ordem que regem a vida em sociedade e que portanto esta também pode ser estudada cientificamente.

Neste caso, a lógica científica funcionava com a intenção de intervir para

mudar a ordem de alguma forma; a lógica filosófica quer saber como as coisas são, mas a lógica científica quer saber para o que elas servem.

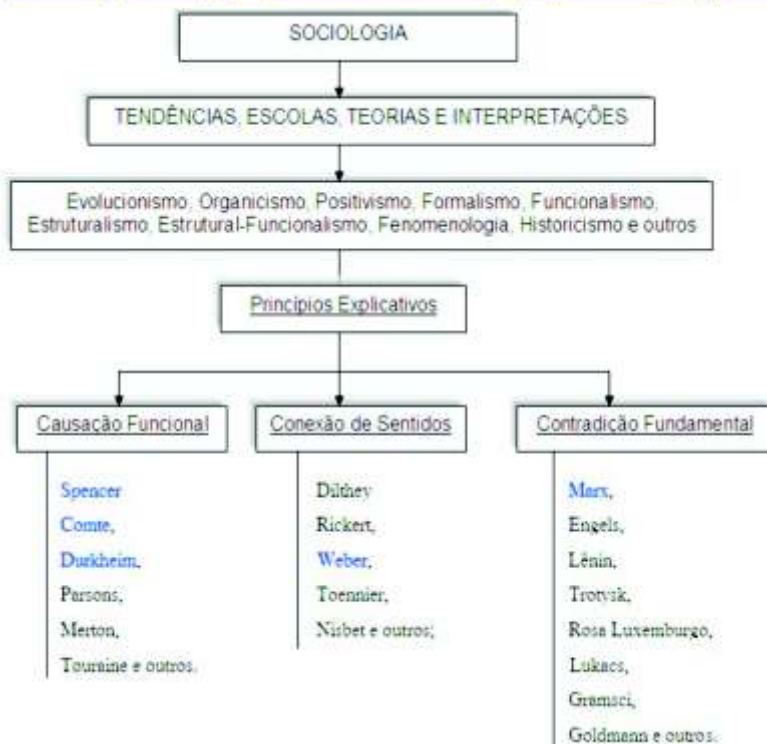
Assim, buscando se afirmar como ciência, a sociologia nasce em meados do séc. XIX; segundo Octavio Ianni, tratava-se de transferir ou traduzir para o campo da sociedade, cultura e história os procedimentos das ciências físicas e naturais. Ainda segundo este sociólogo os dilemas que caracterizavam a vida social no mundo moderno envolviam a emergência da sociedade civil, urbano industrial, burguesa ou capitalista.

Neste palco do mundo moderno em meados do séc. XIX, há personagens que estão atuando, e nesse processo de atuação, buscando definir melhor seus papéis e movimentos dentro da nova sociedade. Desses personagens podemos destacar, entre outros: burgueses,

operários, camponeses, intelectuais, artistas, movimentos sociais, classes e partidos políticos. Nos cenários deste palco se destacam: mercado, mercadoria, capital, ciência, força de trabalho, lucro, acumulação de capital, mais valia, sociedade, nação, estado, divisão internacional do trabalho, colonialismo, revolução e contra-revolução. Ufa!!

Essas são as principais forças que ambientam o surgimento da sociologia e esta, na busca de sua consolidação, se divide em tendências, escolas, teorias e interpretações, que se classificam em: evolucionismo, organicismo, positivismo, formalismo, funcionalismo, estruturalismo, estrutural-funcionalismo, histórico-estrutural, fenomenologia, historicismo e outros. Segundo Ianni, estas tendências e interpretações podem ser agrupadas em três polarizações que tem por base três princípios explicativos. Conforme o diagrama abaixo:

Foi um sociólogo brasileiro graduado na antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP) em Ciências Sociais onde fez também o mestrado e doutorado. Foi um dos fundadores do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). Aposentado compulsoriamente teve seus direitos políticos cassados pelo AI-5 em 1969. Somente voltou a lecionar no Brasil em 1977 na Pontifícia Universidade Católica e na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Exerceu sua profissão também no México, Estados Unidos, Espanha e Itália. Em suas pesquisas especializou-se na análise do populismo e do imperialismo. Fez parte da chamada "Escola Paulista de Sociologia" cuja principal referência é Florestan Fernandes. Na década de 90, sua pesquisa se focou mais na crítica à nova ordem global. Foi um dos sociólogos mais influentes do Brasil.



Como você pode constatar há vários pensadores e correntes teórico-explicativa para os fenômenos sociais; o nosso estudo vai se deter mais em Herbert Spencer, Augusto Comte, Max Weber e Karl Marx, posto que estes podem representar, com métodos de investigação e teorias distintas, os três princípios explicativos sociológicos.

Mas, não se apoquente muito com este assunto de princípios explicativos agora, vamos retomá-los à medida que formos estudando cada um dos pensadores em selecionados. Por enquanto vamos completar o nosso estudo das condições históricas que favoreceram o surgimento da sociologia e para isso sugiro a continuação da leitura do texto básico, páginas de 20 a 36:

Texto Base: Castro, Anna M. de & Dias, Edmundo F. Contexto histórico do aparecimento da sociologia. Rio de Janeiro: Eldorado, 1976. p. 20-36.

Após a leitura do texto base responda as seguintes questões, se necessário consulte outros livros na Biblioteca do Curso:

1. Por que se diz que a sociologia nasceu mais como uma forma cultural de concepção de mundo do que como uma explicação científica?

2. Por que as ciências históricas e humanas não são como as ciências físico-químicas?

3. O que você entendeu sobre subjetividade e sociologia?

4. Explique o que significa a transformação do sociólogo em técnico?

Para saber mais sobre o surgimento da sociologia como ciência:

Livros & Artigos

DAHRENDORF, Ralph. Sociologia e sociedade industrial. IN: FORACCHI, Marialice M. & MARTINS, José de S. Sociologia e sociedade – leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 1977. p. 118-125.

JAPIASSU, Hilton. Introdução às ciências humanas. São Paulo: Editora Letras & Letras, 2002.

MARTINS, Carlos B. O que é sociologia. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RIBEIRO Jr., João. O que é positivismo. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Particularmente consideramos o texto de Dahrendorf (em destaque no quadro anterior), muito interessante para situar de forma mais clara a desigualdade social, como fruto da sociedade industrial e como consolidação da sociologia como ciência, legitimando esta desigualdade como questão social, ou seja, objeto de seus estudos. O trecho citado em destaque é elucidativo sobre isso.

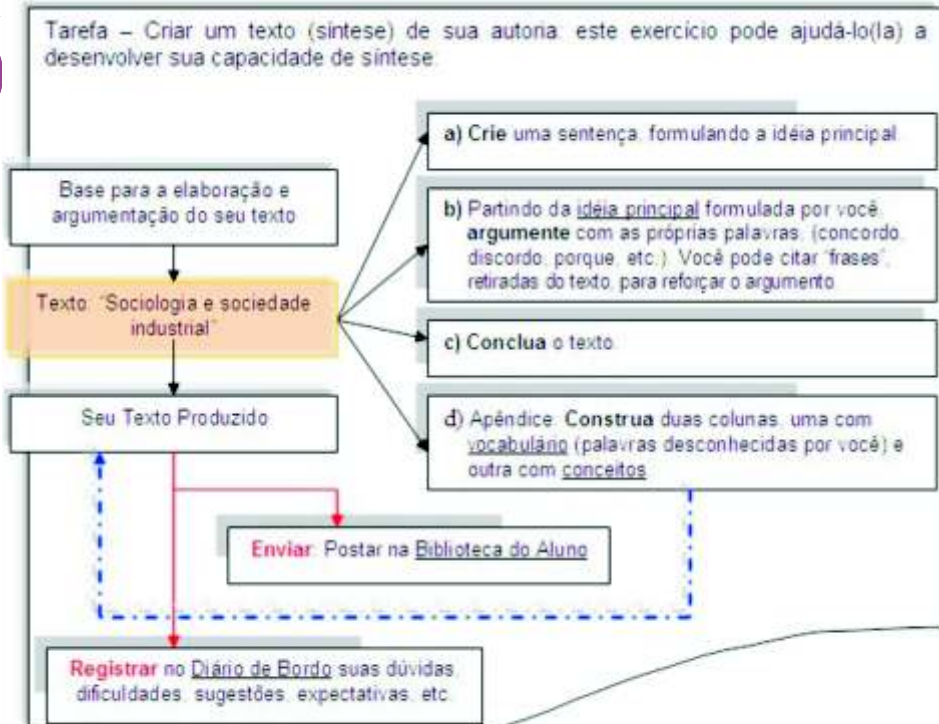
“Sociologia e sociedade industrial mantêm relações sumamente estranhas. Por um lado, a Sociologia nasceu na sociedade industrial; apareceu e adquiriu importância como consequência da industrialização. Mas, por outro lado, a 'sociedade industrial' é a filha mimada da Sociologia, seu próprio conceito pode ser considerado um produto da moderna ciência social. [...]. Precisamente por isso parece aconselhável analisar mais detidamente as relações da Sociologia com a sociedade industrial, mitos muito pouco discutidos.”

Outra observação relevante encontrada no mesmo texto é a de que ao mesmo tempo em que a sociologia nasce das crises geradas pela consolidação da sociedade industrial, é ela que cria este mesmo conceito de sociedade industrial que ora utilizo para discutir o próprio nascimento da sociologia, a isso Dahrendorf chama de “mútua paternidade”.

A partir desta situação ele ainda explica como a sociologia uma vez que se estabelece como ciência sacraliza seu objeto de estudo, a sociedade industrial, incorrendo no erro de ter convertido este objeto de estudo em mito e se desviado da principal questão a ser investigada: a desigualdade social.

Acredito que este texto de Dahrendorf pode contribuir significativamente para sua compreensão da relação sociologia – sociedade industrial – questão social. Desta forma sugiro que você faça o exercício programado a seguir:

Texto: DAHRENDORF, Ralph. Sociologia e sociedade industrial. IN: FORACCHI, Marialice M. & MARTINS, José de S. Sociologia e sociedade – leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 1977. p. 118-125.



Para melhor realizar esse exercício anterior recorra à outras fontes: biblioteca do curso, internet etc.

Estamos chegando ao fim da Subunidade I. Chegou o memento das questões para você discutir no chat com seus colegas.

1. Por que entre sociedade industrial e sociologia há mútua paternidade?
2. O que representa o racionalismo para o surgimento da sociologia?

Livros & Artigos

IANNI, Octavio. A sociologia e as questões sociais na perspectiva do século XXI. IN: SANTOS, José V dos & GUGLIANO, Alfredo A. (Organizadores). A sociologia para o século XXI. Pelotas – RS: Educat, 1999.

SANTOS. Boaventura de S. Um discurso sobre as ciências. Disponível em http://www.scielo.br/phd?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007 Acesso em 8 jan. 2008.

Para melhor consolidar o seu conhecimento, acesse a Biblioteca do Curso. Após as leituras formule uma questão a ser apresentada e debatida no fórum.

CONCLUSÃO

Nesta subunidade, abordamos a contradição existente na sociologia quanto ao seu objetivo como ciência. Tal contradição, se expressa na sua atuação, onde ao mesmo tempo defende o status quo e nega a sociedade existente por seus problemas, criando uma série de novos interesses de estudo, sobre a sociedade industrial, que a distanciam cada vez mais da desigualdade social como objeto de estudo. Em síntese, é a sociologia uma ciência social, um movimento de reforma social ou um movimento de transformação social? Ela deve se ocupar em pressionar a sociedade, em estudar a sociedade, reformar a sociedade ou destruir a sociedade?

SUBUNIDADE II - A organização social como um problema

Estamos chegando ao fim dos nossos trabalhos, nossa tarefa agora é discutir como a organização social é um problema para a sociologia. Isso me recorda uma frase de Joãozinho Trinta veiculada pela mídia e que ficou famosa: “O povo gosta de luxo; quem gosta de miséria é intelectual.” De certa forma ele atingiu em cheio as ciências e intelectuais que se dizem preocupados com mudanças sociais, estudando os problemas gerados nas relações sociais, mas sem nunca apresentarem um projeto consistente de mudança, sendo coniventes com a ordem estabelecida que, via de regra favorece a poucos privilegiados.

A nossa abordagem nesta Subunidade II tem como objetivo apresentar as distintas, e não raras vezes antagônicas, respostas teóricas que a sociologia deu, no decorrer do seu desenvolvimento, a desigualdade como questão social. Vamos nos dedicar a três pensadores que mais se destacam na literatura da sociologia: Augusto Comte, Herbert Spencer, Émile Durkheim, Mas Weber e Karl Marx.

Quem é?

João Clemente Jorge Trinta o Joãozinho Trinta (São Luís do Maranhão, 1934) é um artista plástico e famoso carnavalesco brasileiro.

Ao tratar do tema organização social como problema, nossa primeira tarefa é definir organização social.

Procure em obras de referência três definições para o conceito de organização social. Escreva a referência bibliográfica da obra no retângulo e o conceito no espaço reservado.

1-

2-

3-

Agora, com base nas definições encontradas nas obras de referências, crie a sua própria definição para o conceito de organização social.

A organização social pode ser entendida como:

Muito bem. Vamos ver o que a sociologia especificamente diz a respeito do de organização social. Para a sociologia o conceito de organização social define uma sociedade abstrata, ou seja, qualquer sociedade teoricamente falando, neste caso os termos organização social e sociedade podem ser usados como sinônimos.

A organização social, por tanto se refere a características universais que estão presentes em qualquer organização social ou sociedade, não importa em que momento da história ou lugar esta sociedade se encontre. Em todo caso esta se manterá como organização por força das ações sociais de seus indivíduos que se mantêm coesos porque suas ações sociais obedecem a determinadas normas vigentes no meio social. Então, em qualquer agrupamento humano, em qualquer tempo e lugar, para que haja organização social ou uma sociedade é preciso que as normas sejam continuamente confirmadas pela ação social dos indivíduos. Isso vale

para todas as sociedades.

"... na medida em que manifesta a existência de normas compartilhadas pelos membros de um agrupamento, o conjunto das ações sociais que se desenrolam nesse agrupamento em dado momento constitui sua organização social."

Galvano, G. (1981:8)

Neste tipo de definição o conceito de organização social ou sociedade pode ser aplicável a qualquer sociedade no tempo e no espaço, sejam as sociedades primitivas, aquelas que constituíram as civilizações clássicas, ou medieval ou moderna. Todos terão em comum uma dada organização social que as define tal como são. Portanto, não importa as características particulares da sociedade todas terão uma determinada ordem social que as caracterizará como organização social ou sociedade.

O uso em abstrato do conceito de organização social, em sociologia como em qualquer outra ciência, deriva do pressuposto de que existe uma certa ordem na manifestação dos fenômenos que estuda; uma ordem que pode ser descoberta, descrita e compreendida.

Porém, embora o conceito de organização social e sociedade em abstrato seja apropriado para demonstrar o caráter científico do objeto de estudo da sociologia, estes conceitos não são suficientes para investigar uma sociedade específica, com suas características e particularidades, historicamente determinada; desta forma é necessário tratar organização social ou sociedade como uma formação social historicamente determinada, ou seja, referir-se a particularidade histórica que caracteriza cada organização social ou sociedade: sociedade moderna, sociedade industrial, sociedade feudal, sociedades do terceiro mundo, sociedade capitalista, etc.

Desta forma, definir historicamente a sociedade a qual vamos investigar é condição essencial para continuarmos a falar de sociologia e seus pensadores. Se observarmos a história do surgimento da sociologia como ciência, vamos poder destacar dois fatores importantes que caracterizam o tipo de formação social historicamente determinada onde ela nasceu, sobre a qual se debruçou para estudar

e o momento histórico em que isso aconteceu.

Podemos dizer então que a sociologia é um produto da sociedade capitalista industrial que se consolida entre os séculos XVIII e XIX na Europa ocidental.

É nesta sociedade capitalista, historicamente determinada, que os pensadores como Spencer, Comte, Durkheim, Weber e Marx, vão estudar seus problemas de organização social e tentar responder a questão dos conflitos e desigualdades sociais transformando-os em questão social, tecendo teorias de análise explicativas para as transformações sociais das quais foram contemporâneos.

Porém vamos fazer um destaque para os precursores Herbert Spencer e Augusto Comte e em seguida abordaremos os demais teóricos da sociedade capitalista.

Spencer e Comte faziam parte de um grupo de intelectuais europeus inquietos com as grandes transformações que ocorriam nas instituições sociais existentes em sua época. Estes pensadores procuravam dar respostas, racionalmente organizadas, a uma série de novos problemas até então desconhecidos. Imagine que as instituições que estruturavam a sociedade feudal já não se sustentavam, já não conseguiam manter a ordem que a estruturava, estava esfacelando-se diante de uma nova forma de organizar o trabalho e as relações sociais que surgia, e, ao mesmo tempo o capitalismo ainda não havia mostrado toda a sua cara, ainda não havia terminado sua metamorfose e consolidado a nova organização social que surgia. Imagine o alvoroço!

As primeiras tentativas de explicação do desenvolvimento da sociedade, vinham dos intelectuais da época, ou seja, participavam da camada ilustrada e dominante do pensamento da época e facilmente aderiram a nova elite dominante que surgia. Tanto Spencer quanto Comte, em seus estudos, partiram da premissa de que a sociedade era um todo orgânico, isto é, cada parte tinha sua função específica dentro do todo e qualquer tentativa de modificação afetaria o conjunto. Eles estavam influenciados pelos avanços da biologia e da teoria evolucionista.

Se você pensar bem é possível um grau de comparação entre as

transformações que sofria a sociedade daquela época com as transformações que estamos sofrendo hoje. Imagine que até pouco tempo se arava o campo com tração animal e hoje a agricultura que move a economia está totalmente mecanizada. E o computador associado à internet? O mundo virtual vem criando alterações muito rápidas na forma como trabalhamos a ponto de causar impacto na nossa forma de convivência social e estimular a curiosidade científica dos estudiosos da sociologia e demais ciências sociais.



Pesquise em livros ou sites de biografia a vida e obra de Herbert Spencer e Augusto Comte. Escreva sucintamente no seu caderno aquilo que você encontrou como o mais importante para entender a sociedade na qual eles viveram. E acrescente a sua contribuição a pesquisa, respondendo: Em sua opinião que tipo de explicação estes pensadores poderiam ter dado a transformações que a sociedade sofria?

Agora vamos conhecer as idéias dominantes, que estavam presentes à época da fundação da sociologia e seus principais defensores entre eles Spencer e Comte. Para isso sugiro a leitura do texto de Carlos Moya o exercício de estudo dirigido apresentado a seguir:

Texto: MOYA, Carlos. A fundação da sociologia. IN: Imagem crítica da Sociologia. São Paulo: Cultrix, 1980. p. 24-25.

1. Construa uma coluna com os termos e conceitos novos para você e dê suas definições?

2. Segundo o texto defina Positivismo e Evolucionismo?

3. Qual a relação que Moya estabelece entre Darwin, Marx e Spencer?

4. Há relação entre Spencer e Comte? Explique.

Acessar a Biblioteca do Curso

Para saber mais sobre o pensamento que fundou a sociologia:

Livros & Artigos

DAHRENDORF, Ralph. Sociologia e sociedade industrial. IN: FORACCHI, Marialice M. & MARTINS, José de S. Sociologia e sociedade – leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 1977. p. 118-125.

MOURA, Clóvis. Considerações gerais – razões do aparecimento da sociologia. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

MOYA, Carlos. O positivismo e as origens da sociologia. IN: Imagem crítica da Sociologia. São Paulo: Cutriz, 1980. p. 13-35.

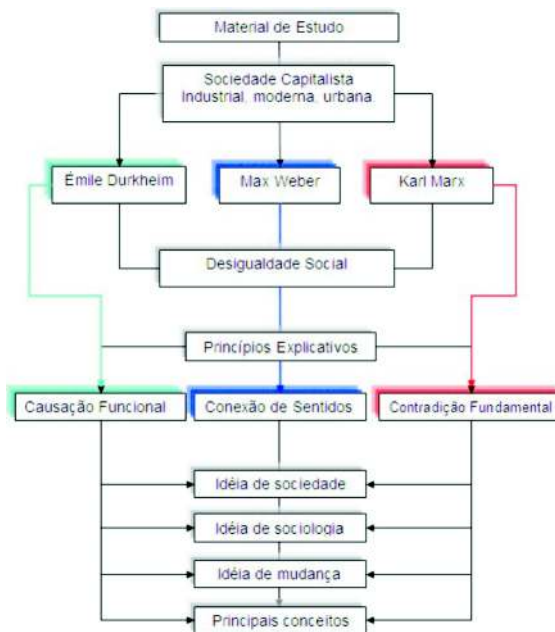
RAISON, Timothy (Org.). Os precursores das ciências sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Positivismo, evolucionismo, racionalismo, liberalismo, capitalismo... são tantos “ísmos” que a gente começa a suspeitar que a sociologia criou um dialeto próprio no decorrer de sua evolução como ciência e que comunica através dele, o “sociologuês” como disse Bárbara Freitag. Essas correntes do pensamento humano foram consolidadas por diferentes ciências como a biologia, a física, a economia,

etc., no mesmo período histórico em que surge a sociologia, nada mais conseqüente que ela participasse de sua definição como também inventasse outros mais por conta própria.

Assim, aparecem as correntes teóricas que fundamentaram a consolidação do pensamento sociológico e que são particularmente antagônicos como princípios explicativos: causalção funcional, conexão de sentido e contradição fundamental.

Tendo estudado os precursores da sociologia e suas idéias, vamos entrar agora na discussão das idéias que surgiram como resposta à desigualdade social agravada com o advento da sociedade capitalista, tratando de entender como esta desigualdade tornou-se objeto de estudo para Durkheim, Marx e Weber, convertendo-se na questão social, e como eram respaldadas pelos princípios explicativos. Vamos estruturar nosso estudo de acordo com o esquema a seguir apresentado.



Como podemos ver a matéria-prima de estudos dos três pensadores é a sociedade capitalista e suas características, porém cada um elegeu uma forma de olhar, de estudar esta sociedade capitalista, escolhendo alguns fatores importantes conforme a concepção que cada um tem sobre o homem e a sociedade.

Faremos uma síntese, seguindo esse esquema para apresentar estes autores estabelecendo leituras e exercícios para ampliar seus estudos sobre os mesmos. Entre outros pensadores e sociólogos importantes a sociologia acadêmica dá

destaque às obras de Durkheim, Weber e Marx como leituras de referência para construir uma compreensão científica da sociologia e da sociedade.

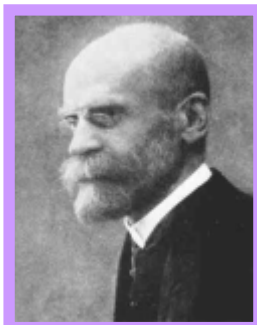
Estas obras também são conhecidas como “clássicos da sociologia”, e seus autores como pensadores importantes da modernidade porque, por meio de suas obras é possível destacar as três correntes teóricas de análise da sociedade capitalista moderna que apresentam antagonismos entre si e logo, em sua abordagem comparativa, podem oferecer uma visão mais completa do percurso que a teoria sociológica trilhou para se consolidar e as distintas visões com as quais explicam a sociedade capitalista.

Maria Cristina Costa faz uso de uma metáfora interessante para se referir as teorias explicativas sociológicas ligadas aos clássicos.

“[...] o pensamento sociológico, em seu desenvolvimento, abordou níveis diferentes da realidade social. Sabemos que, se iluminarmos uma mesa cheia de objetos com luzes de diferentes cores, partindo de diversos focos, cada uma produzirá um conjunto distinto de coisas observáveis. Nenhuma delas, entretanto, é desnecessária ou incorreta. É um ponto de vista que necessariamente 'põe à luz' determinados aspectos, deixando outros na escuridão. Assim também acontece com as teorias. [...]

Cristina Costa (1987:71)

Assim iniciamos com o primeiro pensador o sociólogo Émile Durkheim. Você sabia que está estudando sociologia como uma disciplina de sua formação profissional por causa de Durkheim? Pois é, ele é o responsável pela Sociologia torna-se disciplina obrigatória no ensino de Ciências Humanas nos cursos universitários.



Quem foi?

Nasceu em Epinal, na Alsácia, descendente de uma família de rabinos. Iniciou seus estudos filosóficos na Escola Normal Superior de Paris, indo depois para a Alemanha. Lecionou sociologia em Bordeaux, primeira cátedra dessa ciência criada na França. Transferiu-se em 1902 para a Sorbonne, para onde levou inúmeros cientistas, entre eles seu sobrinho Marcel Mauss, reunindo-os num grupo que ficou conhecido como escola sociológica francesa. Suas principais obras foram: *Da divisão do trabalho social*, *As regras do método sociológico*, *O suicídio*, *Formas elementares da vida religiosa*, *Educação e Sociologia*, *Sociologia e filosofia* e *Lições de Sociologia* (obra póstuma). Morreu em Paris.

A teoria com a qual Durkheim explica a sociedade de sua época segue, segundo estudos epistemológicos da própria teoria sociológica, a corrente de pensamento estrutural funcionalista, cujo princípio explicativo se guiava pela causação funcional.

É importante observar que Durkheim é um estruturalista, o que significa que ele compreende a ordem social dentro maior. O conceito de consciência coletiva é adotado no sentido de explicar como a sociedade determina as relações sociais, e como o comportamento social dos indivíduos está condicionado pelas normas sociais.

Como Durkheim iniciou seus estudos na época em que se começava a ensinar ciências naturais (biologia, física e química), seu trabalho foi fortemente influenciado por estas ciências. Por essa influência é considerado como o herdeiro do Positivismo de Augusto Comte, porque coloca a sociedade acima do indivíduo, e ao mesmo tempo considerado como precursor do Funcionalismo Moderno. É partidário da meritocracia ou que cada qual ocupe o lugar social segundo seus méritos individuais.

Quais eram suas principais idéias:

- Idéia de sociedade: é um imenso corpo biológico que precisa ser observado para, em seguida, conhecer sua anatomia e aí descobrir as causas e as curas de suas doenças;

- Idéia da Sociologia: é uma ciência e por isso deve ser Neutra diante dos fatos sociais, isto é, não deve envolver-se com a Política;

- Idéia Mudança: está mais para a reforma social do que para uma mudança de estrutura e deve basear-se no conhecimento científico da sociedade, e não na ação política.

Já nesta pequena exposição de suas idéias podemos tirar algumas conclusões, uma delas é a de que Durkheim estava fortemente influenciado pelas idéias estruturalistas e organicistas que serviram de modelo para organizar a sua teoria social.

Os conceitos mais importantes de sua teoria são: consciência coletiva, divisão

do trabalho social, especialização das funções, solidariedade mecânica, solidariedade orgânica, caso patológico e anomia.

Durkheim acreditava que a sociedade capitalista representava o estágio mais avançado do processo de desenvolvimento das sociedades humana, e, como algo estruturalmente novo apresentava alguns problemas que, com o desenvolvimento da indústria e da tecnologia haveria um maior progresso do capitalismo, provocando uma maior divisão social do trabalho, conseqüentemente uma maior solidariedade orgânica quando chegaríamos a um estágio de desenvolvimento social sem conflitos, crise ou problemas.

Ou seja, a sociedade capitalista é boa, sendo necessário, apenas, “curar suas doenças”. A comparação com um organismo vivo aqui é bastante evidente, denunciando a influência que sua teoria sofreu da corrente pensamento organicista.

Para ele os problemas sociais não se resolveriam dentro da luta política, que envolve uma forte dose de subjetividade e valores do investigador, e sim através da ciência, o seja, da Sociologia. Se a sociologia se envolve com a política perde sua condição de neutralidade, tão desejável aquela época, para a produção de um conhecimento realmente científico.

A tarefa da Sociologia, portanto, seria a de compreender o funcionamento da sociedade capitalista de modo objetivo, ou seja, através do método científico, assumindo uma postura de observadora do fenômeno social, procurando compreender e classificar as leis sociais que o regiam e descobrir as que são falhas e corrigi-las por outras mais eficientes.

Nesta Subnidade II, considerando que você já avançou um bastante no estudo da sociologia e a importância dos clássicos para sua formação de educador, vamos propor como exercício fazer uma Ficha-resumo de acordo com a metodologia proposta por Leda Hühne, no livro Metodologia do Trabalho Acadêmico que se encontra na Biblioteca do Curso.

O nosso trabalho deve ser feito com base no texto sobre Durkheim de Tânia Quintaneiro.

Texto: Quintaneiro, T. Émile Durkheim. In: Quintanero T., Barbosa, L. & Oliveira M. Um toque de clássicos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 15-61.

O segundo clássico da sociologia a ser abordado é Max Weber (1864 – 1920). Weber tem sua orientação teórica no idealismo alemão e cuja explicação dos fenômenos sociais se dá pela conexão de sentido. Weber, diferente de Durkheim de Marx, não trabalha com a idéias de grandes estruturas, com estudos da sociedade por meio das instituições. Seu ponto de partida é a ação dos indivíduos dotada de sentido. Weber defende a idéia de que as instituições sociais não se sustentariam senão pela ação individual dotada de sentido. Para ele é o indivíduo que, através dos valores sociais e de sua motivação, produz o sentido as ação social. Diferentemente de Durkheim a sociedade não representa um todo orgânico integrado.



Para ele a sociedade é um palco de uma luta incessante entre indivíduos orientados por valores distintos e equivalentes cuja coesão ocorre em situações sempre cambiantes de interesses e dominação. A sociedade só é possível ser compreendida a partir do conjunto de ações individuais reciprocamente referidas.

Esta idéia de sociedade realça bem o critério do estudo sociológico de Weber sobre o indivíduo e suas relações como ponto de partida para o estudo dos fenômenos sociológicos.

A sua idéia da tarefa da sociologia é a de que esta é uma ciência que pretende compreender a ação social, interpretando-a, para desta forma, explicá-la causalmente em seus desenvolvimentos e efeitos (compreensão atual e compreensão explicativa).

Weber não está interessado cientificamente em propor grandes mudanças estruturais na sociedade capitalista e contrário a Durkheim rejeita toda a tentativa de

descrever a vida social em termos de representações coletivas, exteriores aos indivíduos e independente da sua vontade. Contrário a Marx rejeita as tentativas de compreender a vida social in totum seja na forma de totalidade orgânica (Durkheim) seja na forma de um princípio inequívoco de desenvolvimento histórico (Marx).

Weber defende a idéia de que a vida social não constitui em si mesma uma realidade ordenada, para ele a vida social é uma trama inesgotável de ações individuais cuja regularidade de fato representam arranjos transitórios no fluxo contínuo e essencialmente caótico da História. Como pensar em mudanças estruturais, tendo o como suporte a ciência, como recurso para prevê a sociedade futura? Para Weber, no máximo a ciência aponta tendências.

Em sua teoria ele defende que o capitalismo tem numerosas causas, ou seja, não existe um capitalismo como único como capaz de ser reduzido a uma fórmula, defende esta idéia contra o determinismo econômico presente na teoria marxista.

Ele demonstra que a singularidade histórica do capitalismo ocidental moderno é a extrema racionalidade das condutas (econômicas ou políticas, sociais ou legais) Penso que uma das grandes sacada da teoria sociológica de Weber é a idéia de que a racionalização não é necessariamente sinônimo de progresso (econômico, moral individual ou coletivo). Esta é tomada por Weber como uma fonte de desencantamento com o mundo e aquilo que ele denomina como núcleo do "espírito do capitalismo".

Tem como principais conceitos: ação social, relação social, tipo ideal, classes, estamentos e partidos; dominação legítima (legalidade, tradição e carisma), burocracia, racionalização.

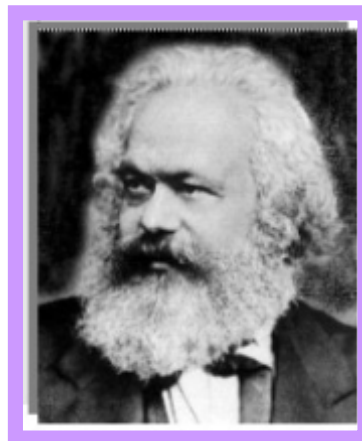
Da mesma forma que o autor anterior vamos fazer uma Ficha-resumo de acordo com a metodologia proposta por Leda Hühne, no livro Metodologia do Trabalho Acadêmico que se encontra na Biblioteca do Curso.

O nosso texto de trabalho para fazer a Ficha-resumo é um texto sobre Weber de Tânia Quintaneiro.

Texto: Quintaneiro, T. Max Weber. In: Quintanero T., Barbosa, L. & Oliveira M. Um

toque de clássicos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 105-147.

A obra de Karl Marx (1818 – 1883), está considerada dentro da corrente de pensamento social mais revolucionária tanto na proposta teórica de mudança social como na prática. As intenções deste economista extrapolavam a contribuição para o desenvolvimento das ciências, e não acredito mesmo que esta fosse sua intenção primeira, sua intencionalidade teórica está clara desde o início de sua obra: uma grande mudança estrutural da sociedade industrial moderna, uma transformação tipo econômica, política e social.



Marx, como economista, se dedicava ao estudo da sociedade capitalista e a conhecia como muito poucos pensadores de sua época.

A teoria marxista de sociedade é fundada no método do materialismo histórico e dialético. Sua idéia de sociedade humana em geral, passava por três dimensões que merecem destaque pela importância e atualidade. A primeira, parte da idéia que seres humanos vivem em sociedade e não envolve a separação entre indivíduo e sociedade como acontecia no pensamento dominante de sua época e exemplifica “Mesmo quando realizo um trabalho científico [...] realizo um ato social, porque humano.

A segunda dimensão dada ao conceito de sociedade é a de que sociedade humana não separa da natureza, ou seja, os seres humanos são vistos como parte do mundo natural, que é a base real de todas as suas atividades.

Sua concepção de sociedade difere das concepções de Durkheim e Weber, onde o conceito de indivíduo e sociedade aparecem como binômios que pressupõem a determinação de um pelo outro.

A concepção geral de sociedade de Marx ainda tem uma terceira característica que é aquela que a relaciona com a noção de tipos de sociedade, ou seja, o tipo de sociedade é fruto do intercâmbio entre homem e natureza por meio da

intervenção do trabalho humano nesta última alterando seu tipo.

Marx, não definiu nenhuma função para a sociologia como ciência, além de economista, a sociologia como disciplina acadêmica ainda estava se consolidando pouco depois de sua morte, mas relação entre a sua obra e a sociologia sempre foi muito estreita ou pela apropriação dos novos conceitos de interpretação social ou pela contestação destes mesmos conceitos.

Porém a idéia de mudança é o que há de mais revolucionário na obra de Marx. Ele, partia da idéia de que a sociedade capitalista como modelo econômico acirrava, pelo modo de produção, a exploração do homem pelo homem. Fundou seu pensamento de sistema explorador da força de trabalho na propriedade privada e retoma a idéia de desigualdade social.

A desigualdade social é tratada por Marx como fruto da propriedade privada dos meios de produção pela burguesia e pela exploração da mais-valia do operário, porque não sendo proprietário resta-se a submissão ao burguês vendendo, como mercadoria, sua força de trabalho. Contra este sistema de exploração, e concebendo o homem como sujeito de sua história, propõe a transformação da sociedade capitalista em socialista, pela destruição da propriedade privada.

Principais conceitos presentes em sua obra: dialética, materialismo histórico, modo de produção, relações sociais de produção, forças produtivas, mercadoria, propriedade privada dos meios de produção, infra-estrutura e superestrutura, classes sociais, luta de classes, revolução, socialismo, comunismo, alienação, ideologia.

Da mesma forma que o autor anterior vamos fazer uma Ficha-resumo de acordo com a metodologia proposta por Leda Hühne, no livro Metodologia do Trabalho Acadêmico que se encontra na Biblioteca do Curso.

O nosso texto de trabalho para fazer a Ficha-resumo é um texto sobre Marx de Tânia Quintaneiro.

Texto: Quintaneiro, T. Max Weber. In: Quintaneiro T., Barbosa, L. & Oliveira M. Um toque de clássicos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 63-103.

Sobre os assuntos discutidos nesta Subunidade vamos indicar, a seguir, três questões para você discutir no chat com seus colegas.



1. O que é uma “organização social problema”?
2. Qual a relação entre o surgimento da sociologia como ciência e a organização social como problema?
3. Como a “organização social como problema” aparece na obra dos pensadores apresentados?

Livros & Artigos

HÜHNE, Leda M. (org.) Metodologia do trabalho acadêmico. IN: Metodologia científica – cadernos de textos e técnicas. Rio de Janeiro: Agir, 3ª ed., 1989. p. 44-48.

Quintanero Tânia, Barbosa, Maria L. de O & Oliveira Márcia G. Um toque de clássicos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 63-103.

GUIMARÃES, Antônio M. (org.) Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

COSTA, Maria C. C. Sociologia – introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 1987.

IANNI, Octavio. O novo ciclo da revolução burguesa. Revista Fórum. p. 30-32

Links

Biblioteca Marxista <http://www.vermelho.org.br/img/obras/bibliomarx.asp>

Portal de Sociologia <http://www.mundociencia.com.br/sociologia/weber.htm>

Bibliotecas Virtuais <http://www.prossiga.br/bvtematicas/>

Após as leituras formule uma questão a ser apresentada e debatida no fórum.

CONCLUSÃO

Nesta subunidade procuramos demonstrar a interpretação sociológica dos fenômenos sociais a partir da consolidação da sociologia como ciência e a organização social, tomada por ela como problema a ser investigado, compreendido, reformado ou transformado radicalmente. A intenção foi apresentar um caminho de leitura sobre as questões importantes da teoria sociológica, que permitisse o seu uso como referencia teórica para a interpretação de situações reais vividas pelo educador.

ATIVIDADE FINAL DA UNIDADE I

Seguindo a metodologia de avaliação proposta para todas as Unidades, realizaremos agora a Atividade Final da Unidade III, que corresponde a uma atividade avaliativa parcial do conteúdo discutido até aqui.

Os objetivos que traçamos para avaliar o aproveitamento desta Unidade III, correspondem a sua capacidade de:

- ✓ Compreender a relação existente entre o nascimento da sociologia como ciência e a desigualdade social como questão social;
- ✓ Identificar como cada pensador, seguindo uma orientação teórico -metodológica de estudo própria, respondeu a esta questão social;
- ✓ Se orientar teoricamente ao analisar os fenômenos que ocorrem na sociedade

Esse é o momento que você pode demonstra o seu grau de compreensão e aproveitamento alcançados estudando e discutindo sobre a teoria sociológica como produto e estudo da organização social problema.

Desta forma a Atividade Final da Unidade III requer, ainda que você construa um texto, não muito longo (máximo duas laudas). Critério para o trabalho: Analisar uma situação de desigualdade vivida ou conhecida por você a luz de um dos pensadores clássicos da sociologia, respondendo a Questão Orientadora: Como a interpretação sociológica responde a questão da desigualdade social?

ATIVIDADE FINAL DO MÓDULO

Construção de um texto, fundamentado nos conceitos trabalhados, sobre um dos três temas propostos abaixo:

- 1) De que forma o conteúdo estudado em sociologia está presente na minha vida cotidiana?
- 2) A sociologia mudou a minha forma de interpretar a sociedade na qual eu vivo?
- 3) A interpretação sociológica é importante nas atividades que desenvolvo como professor?



Não esqueça de enviar seu texto ao tutor de sua turma para fins de avaliação

CONCLUSÃO GERAL

Encerramos nossas atividades de estudo de sociologia do Módulo “Fundamentos da Educação I”, espero que você tenha aproveitado as leituras e as discussões sobre as questões sociais que motivaram o surgimento da sociologia como ciência e que a matem como disciplina interpretativa dos fenômenos social.

Nesta disciplina percorremos o cenário atual da nossa sociedade abordando a questão da desigualdade social no nível nacional e suas e os impactos da globalização neoliberal para esta desigualdade. Com isso desenhamos o cenário de uma situação concreta vivida por mais da metade da população mundial.

Sobre a compreensão da desigualdade social e sua situação como questão atual, entramos numa espécie de “túnel do tempo” teórico, tratando do surgimento da ciência moderna e para demonstrar que a situação de desigualdade na sociedade industrial capitalista é uma questão social antiga e foi o elemento chave do surgimento das ciências sociais e particularmente do nascimento da sociologia.

Por fim, aprofundamos a questão da teoria sociológica como nova forma de interpretação dos fenômenos sociais, assumindo o posto antes pertencente à filosofia como explicação de mundo. Salientamos, entretanto a reflexão sobre esta

condição que a sociologia assume de interpretação do mundo, com o risco sempre presente de convertendo-se em mito e ideologia.

Vamos continuar juntos nesta caminhada para o conhecimento, mas lembrando que estudar não é fácil, demanda esforço e mesmo sacrifícios do estudante. É preciso encontrar motivação para continuar a caminhada a cada etapa vencida e esta você já venceu.

Lembramos Pedro Demo que diz que estudar é uma arte e que é necessário aprender a estudar. “Aprendizagem do professor tem que ser profissional, porque ele é profissional da aprendizagem; precisa, pois, estudar profissionalmente, como parte mais decisiva de sua profissão; quem não estuda, não tem aula para dar.”

Atentando que a sua formação é para profissional proponho duas atividades complementares:

1. Um trabalho de Pesquisa Comparativa, orientado por uma questão problematizadora, onde você deverá escolher uma situação de desigualdade social concreta e analisá-la segundo um dos pensadores da sociologia.

- Registre o resultado na Biblioteca do Aluno

- Apresentar a reflexão da Questão Problema no Fórum

- Um trabalho onde você apresente uma reflexão sobre o tema: “A sala de aula, espaço de convivência humana”, utilizando uma dos pensadores da sociologia.

- A ser apresentado oralmente no Seminário Temático

